



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

FABRÍCIO ANTÓNIO PINHEIRO CORREIA

PASTORAL DO ENCONTRO E NOVA EVANGELIZAÇÃO
ANÁLISE DA PARÓQUIA DE PENAJÓIA

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor José da Silva Lima

Braga
2015

Introdução

Todo o povo de Deus, distribuído pelas diversas comunidades cristãs, tem o dever de saber interpretar os sinais dos tempos nos quais vivemos, de modo a que se consciencialize dos desafios da alegria e do encontro, do bem-estar e da felicidade do outro, da dignidade e da liberdade de cada ser humano, no seio de uma rede de pessoas que podem fazer transparecer os anseios do espaço em que se insere.

A Igreja tem de continuar a saciar a sua sede na fonte viva do Evangelho, sendo uma casa para todos: ricos e pobres, sãos e doentes, encontrados e desconhecidos, alegres e tristes. A imagem de uma Igreja tranquila, em constante renovação e ao serviço do Evangelho tem de continuar a sobressair neste mundo, na sociedade, nas comunidades diocesanas e paroquiais e, especialmente, em cada um de nós sem exceção.

No desejo de que a Igreja continue a abrir horizontes de esperança e confiança, onde tudo se resume ao Amor e fundada no Amor do próprio Deus, pela Encarnação do seu Filho Jesus Cristo, pretendo neste trabalho apresentar linhas de orientação pastoral na Igreja como espaço de encontro entre todos os homens e mulheres do nosso tempo.

Numa primeira análise o encontro pode significar *proximidade*, mas muitas vezes entendemos esta proximidade como algo apenas físico. Contudo, o encontro é o sentido mais lato de algo que ultrapassa barreiras físicas e atinge todo o cosmos numa aldeia globalizante. Aí a Pastoral deve assumir um papel preponderante, não se deixando arrastar por esquemas pré-concebidos mas sim alargar horizontes para o mundo de hoje e de amanhã que assente num passado que o sustenta.

Assim, em linhas gerais podemos ficar já a compreender o sentido que me leva à realização deste trabalho.

Primeiramente colocamos os alicerces: o sentido da pastoral dada pelo Concílio Vaticano II, num alargamento maior à sua ação e dinamismo engloba: o conceito de pastoral, o conceito

de evangelização, o conceito de encontro alicerces que hoje se tornam essenciais a qualquer ação pastoral que nos deve levar a rever estes mesmos conceitos para, assim, falarmos ao mundo de hoje na linguagem de hoje. Trata-se pois de uma pastoral que nunca se deve fechar sobre si própria, porque a própria humanidade não deve estar fechada sobre si própria mas abrir horizontes para uma humanidade onde todos podemos e devemos ser irmãos. Para tal, há que sair da atitude mais fácil a do comodismo e escutar os anseios de todos aqueles com que nos cruzamos nas encruzilhadas da vida. A Encarnação do Filho de Deus é o grande sinal do encontro de Deus com a própria humanidade; Encarnação do Verbo, o Filho no seio do Pai, o Filho Unigénito que nos torna filhos adotivos de Deus:

“E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade. João deu testemunho dele ao clamar: «Este era aquele de quem eu disse: ‘O que vem depois de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim. Sim, todos nós participamos da sua plenitude, recebendo graças sobre graças. É que a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo. A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer” (Jo 1, 14-18).

A pastoral sacramental toma aqui um sentido operante. Os Sacramentos dados pelo próprio Senhor Jesus Cristo para que haja proximidade entre Deus e o homem – Encontro. Neste encontro, o homem encontra-se com os outros homens para todos, em comunidade, se encontrarem com Deus.

E aqui, como introdução, coloco uma das grandes chaves do Concílio Vaticano II:

“A Igreja, enviada por Deus a todos os povos para ser o «sacramento universal de salvação» por exigência íntima da sua catolicidade e obedecendo ao mandato do seu Fundador esforça-se por anunciar, o Evangelho a todos os homens. Com efeito, os próprios Apóstolos, sobre os quais a Igreja foi fundada, seguindo as pisadas de Cristo, «pregaram a palavra da verdade e fundaram

Igrejas». É obrigação dos seus sucessores perpetuar esta obra, a fim de que a palavra do Senhor avance e seja glorificada (2 Ts 3, 1), e o Reino de Deus seja anunciado e instaurado em toda a terra.

Porém, no presente estado de coisas, do qual surge uma condição da humanidade, a Igreja, sal da terra e luz do mundo (cf Mt 5,13-14), é chamada, com mais urgência, a salvar e renovar toda a criatura, para que tudo seja instaurado em Cristo, e n'Ele os homens constituam uma família e um só Povo de Deus.

Por isso, este sagrado Concílio, enquanto dá graças a Deus pelas magníficas obras realizadas à custa do generoso esforço de toda a Igreja, deseja também delinear os princípios da actividade missionária e congregar as forças de todos os fiéis, para que o povo de Deus, em marcha através do estreito caminho da cruz, difunda por toda a parte o reino de Cristo, Senhor e perscrutador dos séculos (cf. Ecl 36, 19), e prepare os caminhos para a sua vinda” (AG¹ 1).

Partindo deste pressuposto e da necessidade do encontro na pastoral da Igreja, tomei como orientação a obra de Agathe Brosset² onde, de uma forma direta, fala da Igreja que cada vez mais necessita de ir ao encontro, de fazer caminho com a sociedade existente contando com todas as suas particularidades, mas é aí que a Igreja assume ser servidora a exemplo do seu Mestre e Senhor Jesus Cristo, que “*não veio para ser servido mas para servir e dar a vida*” (Mt 20, 28).

Todo este dinamismo do encontro parte, em primeiro lugar, do encontro com Cristo, para depois podemos *escutar* do mesmo Senhor *Ide*. A Igreja tem este carisma embutido no seu SER IGREJA com o dever de caminhar com a História da própria humanidade.

A realidade que a seguir apresento, de uma forma mais concreta, é a realidade da Comunidade Paroquial de Santíssimo Salvador de Penajóia, no arceprelado de Lamego: os

¹ Decreto *Ad Gentes* (=AG).

² Agathe Brosset “é professora de matemática e de ciências físicas no ensino profissional francês. É doutorada em Teologia Prática e produziu vários livros sobre questões na área da deficiência e da saúde para as Edições de l'Harmattan e Edições CRER. É membro ativo de inúmeras intervenções no departamento de formação diocesana em Nantes, França” (tradução do autor da breve biografia na contracapa da obra *Une église de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*).

seus vários dinamismos, os seus vários vetores de ação, procurando *estar com*, indo ao encontro de todos os que fazem parte da comunidade.

O desafio que me propus realizar tornou-se um verdadeiro encontro comigo próprio enquanto ser, enquanto ser cristão, enquanto ser que abraça uma causa. Só neste encontro comigo, e de uma forma bem profunda, foi possível partir para o grande encontro com o Senhor Jesus Cristo, Ele que dá sentido a todo o meu ser e me coloca no caminho do amor, que é o caminho do encontro com o outro.

Quero procurar neste trabalho dar sentido e importância à Pastoral do Encontro no mundo global, onde me quero encontrar com Jesus e com outros, levando Jesus a todos os outros que se cruzarem no meu caminho.

1. Receção do Concílio Vaticano II na releitura do mistério eclesial

A importância de um acontecimento é, habitualmente, aferida pelos resultados que produz, pelas mudanças que desencadeia e pela ressonância que consegue. Sob qualquer um destes parâmetros, é indiscutível que o Concílio Vaticano II ocupa um lugar destacado no elenco dos acontecimentos mais importantes do nosso tempo.

Pela vida da Igreja contemporânea o Concílio é, como disse o Papa João Paulo II, o acontecimento *fundamental e providencial*, basicamente porque levou a igreja a reafirmar a sua natureza e a sua missão, tendo como ponto de partida os alicerces da fé cristã e, como horizonte o mundo contemporâneo em que se encontra inserida.

O próspero acontecimento do Concílio Vaticano II representou para a Igreja uma transformação profunda, principalmente na forma de se receber a si mesma e no seu contacto com o mundo. Este sentiu a necessidade de uma Igreja mais autêntica, ou seja, mais de acordo com a vontade do Fundador, da Cabeça que é Cristo, para que pudesse continuar a oferecer à Humanidade destes novos tempos a Salvação, pois de outro modo poderia não ser entendida corretamente. O Concílio constituiu uma tentativa da Igreja se aproximar do mundo, tornando assim a Pessoa de Cristo e a sua mensagem mais claros e mais acessíveis às pessoas contemporâneas.

Na linguagem comum, um *Concílio* é uma assembleia composta por bispos que representam toda a Igreja que trata e decide alguns temas doutrinários e de governo, assim como da organização eclesial.

Nem todos os concílios estiveram no mesmo grau de importância na História da Igreja. Enquanto que uns determinaram verdades substanciais da doutrina cristã, outros elaboraram e fixaram as características e o número dos Sacramentos, as normas litúrgicas, a configuração sacerdotal ou a natureza do primado pontifício³.

³ Cf C. FLORISTÁN, *Teologia Practica. Teoria y Praxis de la Acción Pastoral*, 119-122.

O Concílio Vaticano II estudou e desenvolveu diversos documentos acerca de vários temas relacionados com o Cristianismo e com a Igreja, de modo particular aqueles que tratam a eclesiologia; a centralidade da Palavra de Deus presente na Sagrada Escritura, para a melhor vivência cristã; a importância da liberdade religiosa para o amadurecimento da fé, da pessoa e da relação da Igreja com o mundo. O Concílio ofereceu-nos não apenas textos para ler, mas também um forte espírito de visão para olhar a vida à luz da fé. Todavia, para lá dos documentos no seu todo, o Concílio propôs conteúdos evangélicos essenciais para a humanidade de acordo com critérios pastorais. O Concílio Vaticano II não é um mero acontecimento que passou despercebido entre 1962 e 1965, mas é sobretudo um itinerário a percorrer, que começou antes da sua abertura oficial e que, no momento em que a Igreja se encontra está ainda em curso com a prática das ideias que surgiram do Concílio. O Concílio legou à Igreja uma eclesiologia profundamente renovada tanto no método como no conteúdo da verdadeira noção de Igreja.

O aggiornamento⁴, objetivo do Beato Papa João XXIII para o Concílio, não parou em 1965. É um acontecimento que se deve projetar neste tempo, tornando-se um itinerário para a vida eclesial, não devendo nem podendo ficar arquivado nas memórias e guardado nas recordações da antiguidade. É importante e necessário continuar a fazer-lhe referência, uma vez que continua a ser um desafio para a Igreja e para o mundo.

O mundo mudou, mas o fundamental do conteúdo conciliar permanece. Importa repensar esse conteúdo a partir dos tempos atuais. Não é fácil mudar as tradições que no decorrer da História se foram impondo. É mais fácil aceitar novas formas doutrinárias do que mudar o coração do homem, os modos de compreensão e as relações de poder e de preponderância.

A importância da recepção de um Concílio é indissociável de uma dificuldade inerente. Trata-se de aferir a fidelidade ao próprio Concílio que se procura rever. Há, na verdade, o perigo de distorcer esta tarefa por excesso e por defeito, sem que se consiga chegar ao

⁴ Cf A. BROSSET, *Une èglise de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 53.

verdadeiro Concílio. No entanto, também não se pode perder de vista que os documentos conciliares, além de ponto de chegada, constituem um ponto de partida. No caso do Vaticano II, isto decorre particularmente do facto de se tratar de um Concílio pastoral cuja aplicação supõe conhecimento das múltiplas situações em que a receção se verifica.⁵

A admissão do Concílio prevê uma grande atitude de humildade e de abertura à renovação da Igreja, uma disposição aberta à mudança dos corações, uma decisão forte para consentir todas as consequências que desta renovação possam advir. Importa ter como horizonte a todos: aqueles que vivem uma relação mais próxima e constante com a comunidade cristã e aqueles que com ela têm uma relação mais frágil, descontinuada ou distante. Tal exige alguma ousadia, criatividade e muita determinação. A caridade pastoral tem de ser capaz de ultrapassar todas as fronteiras existentes no coração do homem. É a partir desta caridade que se inicia o verdadeiro encontro.

1.1 Conceito de Ação Pastoral

A *Teologia Pastoral* é a ciência teológica que analisa a situação concreta na qual a Igreja se edifica com a sua própria ação. É uma área que estuda a teoria e a práxis pastoral, através da qual se coloca em exercício toda a missão da Igreja⁶. Dentro desta área teológica encontra-se a ação pastoral que se caracteriza pela sua conceção global de missão em toda a Igreja e faz com que o Evangelho se expanda por todo o mundo.

São muitas as realidades e as situações onde se evoca o termo *ação pastoral*. Porém tem de se ver, essa ação, num contexto atribuído à missão da Igreja em ordem à salvação. A ação pastoral é a missão com a qual a Igreja se edifica e propaga pelo mundo (Cf EG⁷ 19-24) segundo a missão que lhe foi confiada por Jesus Cristo⁸. É a proposta de fé que é feita à

⁵ Cf *Ibid.* 56.

⁶ Cf *NUEVO DICCIONARIO de Pastoral*; [direcção Casiano Floristán]. – Madrid: San Pablo, 2002, 20-26.

⁷ Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (=EG).

⁸ Cf A. BROSSET, *Une èglise de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 47-64.

comunidade. Não é uma determinação ou uma ordem, mas antes uma sugestão que leva a que o povo se deixe cultivar pelo Evangelho que é anunciado e pela missão que é vivida depois de acolhida.

A ação pastoral é a missão de quem tem de guiar, abrir caminhos, orientar, velar, cuidar e preservar dos perigos que o mundo faculta à sociedade. É um dever importante mostrar às pessoas que a vivência da fé as torna felizes. Todavia, tudo tem de ser realizado no respeito pela liberdade humana, sendo nesta liberdade que Deus educa o ser humano no amor e para o amor. Deus é um Pai misericordioso que assume a condição humana em Jesus Cristo (Cf GS⁹ 12) para poder encarnar os problemas que, em cada ser se encontram, transformando os acontecimentos da vida do seu povo em lições de sabedoria, adaptando-se às diversas idades e situações de cada homem.

A ação pastoral é uma área dos estudos teológicos, nomeadamente na Teologia Pastoral. Todavia para lá da parte mais teórica a ação pastoral tem também a sua parte prática que se situa na vida concreta da Igreja porque, a Igreja, não foi constituída para ficar fechada em si mesma. O mandato de Jesus é claro: *“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado.”* (Mt 28, 19-20). A ação pastoral serve de apoio consciente à vida da Igreja que se insere diretamente na missão eclesial que deve realizar. Nesta missão Cristo é o ponto de partida e, também, o ponto de chegada uma vez que é Ele o centro, a meta à volta do qual gira toda a ação pastoral. Ele é a Cabeça de toda a Igreja (Cf GS 45).

O acontecimento de receção (do Concílio) tem de ser um acontecimento de acolhimento e de encontro, pois, cada geração deve saber como acolher e qual a melhor forma de se relacionar com o homem e de o evangelizar.

⁹ Constituição Dogmática *Gaudium et Spes* (=GS).

O que é a Igreja? Como funciona? Como pensa? Como age? Estas são questões que têm como resposta: a Igreja é espaço de comunhão. À luz conciliar a ação pastoral é vista como ponte e caminho da comunhão eclesial.¹⁰

Cristo ilumina todo o mistério eclesial. É esta a uma das grandes novidades que a Igreja, como sacramento de Cristo (Cf LG¹¹ 1) oferece ao mundo como via de salvação (Cf GS 45). É aqui e agora que a Igreja deve construir o Reino de Deus, renovando-se na sua ação e missão segundo o espírito conciliar e tendo a capacidade de dialogar com o mundo atual.

A Igreja nasce, depende e dirige-se sempre para Jesus Cristo. Ele é a sua Cabeça, o seu cumprimento, realização e plenitude. Apenas Cristo é o fundamento e a verdadeira identidade eclesial (Cf EG 25-33), a verdadeira “*luz dos povos*” (LG 1) e sem Cristo a Igreja não tem valor, não existe. Uma Igreja que vive sem a Luz pode ser tudo, mas não é Igreja.

Enquanto *filhos de Deus*, os homens são membros da mesma família, da mesma Igreja (Cf GS 3) conduzidos pela Palavra de Deus que se torna para eles palavra de salvação revelada na Pessoa de Jesus Cristo, vivificada pela ação do Espírito Santo que carece de palavras e meios humanos, para que os seus filhos possam escutar e acolher a Boa Nova e reconstruir o Reino de Deus.

A constante renovação da Igreja é uma exigência que lhe pertence por vocação. É fundamental reafirmar os compromissos adquiridos do Evangelho. A Igreja não se quer morta. É preciso uma Igreja viva, que não tenha medo da missão e do serviço, que seja autêntica evangelizadora, espaço de acolhimento e, deste modo saiba proporcionar ao homem, muitas vezes no meio do sofrimento e do desespero, novas oportunidades de uma relação mais próxima com os irmãos e, essencialmente, com Deus. Só assim se faz comunhão eclesial através do encontro do homem com Deus, de Deus com o homem e do homem com os seus irmãos.

¹⁰ K. RAHNER, *Una interpretación teológica a fondo del Concilio Vaticano II*, Razón y Fe, 184.

¹¹ Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (=LG).

1.2 Conceito de Evangelização

A *evangelização* consiste na arte de evangelizar, de anunciar o Evangelho. A palavra Evangelho, no Novo Testamento, é definida como a *boa nova* Jesus Cristo. Como afirma António Couto:

“...dificilmente podemos hoje traduzir o termo euaggélion por “evangelho”, e muito menos confundi-lo com um livro. Uma boa tradução terá de passar euaggélion, não por “evangelho”, mas por “evangelização”, dado que euaggélion significa anunciar a notícia feliz da Ressurreição de Jesus. É, no cristianismo primitivo, um nome de ação, um nomen actionis, e não um nome de estado, um nomen status”¹².

Pelo anúncio e pela pregação do próprio Jesus Cristo, da Sua Ressurreição e da Sua mensagem *“a Igreja é toda ela missionária, e a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus, ...”* (AG 35) com a finalidade de que quem recebe esta alegre notícia se converta num autêntico filho de Deus e da Igreja *“conscientes da responsabilidade pessoal na difusão do Evangelho”* (AG 35) para que possa chegar à plenitude de uma vocação sobrenatural com a prática das boas obras (Cf RM¹³ 7-10).

A evangelização é uma vocação própria de toda a Igreja, tendo o dever de fazer chegar o Evangelho a todos os homens, respondendo desta forma à missão que recebeu de Cristo: *“Ide”* (Mt 28, 19).

O Concílio Vaticano II chamou a atenção para o carácter missionário da Igreja, surgindo um esforço ecuménico. Multiplicaram-se as Igrejas locais e as comunidades cristãs inseriram-se mais na vida dos povos e *“aprouve, porém, a Deus chamar os homens à participação da sua vida, não só individualmente, excluído qualquer género de ligação mútua, mas constituídos*

¹² A. COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Mateus*, 9-10.

¹³ Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (=RM).

num povo, no qual os seus filhos, que estavam dispersos, se congregassem na unidade (cf Jo 11, 52)” (AG 2).

Em 1974 celebrou-se o sínodo episcopal, em Roma, sobre a evangelização. Fruto deste encontro é a Exortação Apostólica do Papa Paulo VI *Evangelii Nuntiandi* que dá um impulso decisivo a este tema afirmando que “*a Igreja existe para evangelizar*” (EN¹⁴ 14). Tal acontecimento deu um enorme rigor ao tema, uma vez que se refere tanto à doutrina como à prática pastoral que até então estaria algo esquecida.

No que diz respeito à evangelização o *Directório Geral da Catequese* fala desta como sendo um processo, pelo qual a Igreja responde ao mandato de Cristo e, movida pelo Espírito Santo anuncia e difunde o Evangelho a todos os homens (Cf DGC¹⁵ 48), até mesmo entre aqueles que o ignoram devido ao facto de terem perdido a sua identidade cristã.

Perante tais exigências a evangelização é uma tarefa difícil. Não é difícil porque pretende chegar a todos os homens do mundo, mas sim porque implica múltiplas atividades e circunstâncias para as quais se deve estar preparado. O mundo está sem alma, sem força, sem vigor, sem valores. Neste momento de terror, de medos, de guerras e de insegurança é óbvio que a evangelização não se cumpre apenas com palavras. Ela realiza-se com palavras, mas também com obras, com o testemunho, com o ensinamento, com a oração e com um compromisso pessoal e social (Cf DGC 39).

O empenho numa evangelização renovada terá de passar por uma purificação e por uma fé mais esclarecida de todos os cristãos. A evangelização, neste tempo e deste mundo tem de ser pensada e vivida por aqueles e aquelas que, radicalmente seguem o Evangelho.

A tarefa de evangelizar constitui a vocação essencial da Igreja, sendo por isso um objeto contínuo de reflexão na vida de todo o povo de Deus. O Evangelho é a fonte da qual todo aquele que evangeliza deve beber para que possa oferecer dessa bebida a todos aqueles que se sentem sedentos. Assim o homem para que possa ser evangelizador, tem de se deixar

¹⁴ Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (=EN).

¹⁵ Directório Geral da Catequese (=DGC).

evangelizar primeiro, de forma que a frescura do Evangelho se mantenha sempre viva, para que, à semelhança de Jesus “*o primeiro e o maior evangelizador*” (EG 12), o homem seja autêntico na receção e na transmissão da Palavra do Evangelho. Porém, para que tal aconteça é imprescindível uma unidade de todos os cristãos, evitando divisões e valorizando a verdade e a caridade para com todos (Cf EN 76-78). Não faltarão, certamente, dificuldades tais como o cansaço, a desilusão ou o desinteresse (Cf EN 80). É preciso força na certeza de que Deus dá sempre novas oportunidades e novos desafios, porque “*quem arrisca, o Senhor não o desilude*” (EG 3), mostrando, pelo contrário, a verdadeira arte de viver. Dar a conhecer Jesus Cristo é um caminho de felicidade.

Para ser evangelizador de Cristo é necessário, em primeiro lugar, ser testemunha da caridade. A evangelização é, antes de tudo, uma questão de amor. A solidariedade e o amor aos homens, especialmente aos mais pobres e aos que sofrem, estão inseparavelmente unidos ao amor de Deus que impele à evangelização (Cf EG 186).

Uma reflexão sobre a missão de evangelizar não pode partir apenas de conceitos teóricos, mas de experiências pessoais, de factos, de uma realidade salvífica: do próprio Cristo evangelizador. Ele é o exemplo vivo da missão, o grande evangelizador, o próprio Evangelho, o anúncio, a Boa Nova.

Hoje, na Igreja, fala-se da *nova evangelização*¹⁶. Esta não consiste no anúncio de um novo Evangelho ou de eliminar aquele que já existia. Toda a novidade de que se fala não atinge, de modo algum, o conteúdo da mensagem evangélica que é imutável, uma vez que Cristo é o mesmo hoje e sempre. Esta novidade afeta o estilo, o esforço, o ardor, os métodos e as expressões do anúncio da Palavra. É nestas atitudes que se aprecia, especialmente, a beleza da ação pastoral.

Falar de nova evangelização não significa que a anterior evangelização tenha ficado esquecida ou tenha sido inválida. Pelo contrário, há novos desafios aos quais é urgente dar

¹⁶ Cf CELAM, *Catequese para a América Latina, Documento de trabalho da CELAM para o Sínodo de 1977*, 24.

uma nova resposta. Não é a proposta de um novo Evangelho diferente do primeiro. Há um só e único Evangelho, do qual se podem retirar novas luzes e novas ideias para responder aos novos problemas, formando comunidades maduras na fé que possam dar respostas à nova situação em que vive o homem provocada por mudanças sociais e culturais da atualidade (Cf EG 14-18).

Que seria dos homens se os Apóstolos não obedecessem à ordem do Mestre e tivessem ficado parados? Todavia com a força do Espírito avançaram e foram até aos confins da terra.

Todas as religiões possuem, no seu interior, a força para ir em busca da felicidade que realiza o sentido da vida. Batizado ou cristão que não sinta a necessidade de ir, está *doente* e muito dificilmente se salvará, porque sozinho ninguém se salva.

Século a século, as formas de partir para a missão foram-se mudando: a pé, de carro, de avião, de barco... Vontade da missão é ir onde há gente para evangelizar e para amar.

Muitos são aqueles que partem e que vão de casa em casa, de terra em terra, dando testemunho de vida e de partilha. Quem assim não procede não tem o sentido de Deus, nem da Igreja, porque o missionário não deve dar testemunho de si, mas d'Aquele que o enviou.

A presença missionária em culturas diferentes leva a descobrir o coração das pessoas. E sem uma verdadeira *inculturação* não pode haver conversão, pois sem esta vertente não existe evangelização.

A nova evangelização tem de passar, necessariamente, pela cabeça e pelas mãos, isto é, pelas obras de todas as pessoas que se afirmam crentes. A Igreja não pode deixar de repetir copiosamente o grito de Paulo: “*ai de mim, se eu não evangelizar*” (1 Cor 9, 16). A evangelização é uma tarefa importante na adesão pessoal a Cristo e à Igreja por parte de todos os batizados que não vivem, verdadeiramente, a energia do cristianismo pelo motivo de terem perdido o sentido da fé ou porque já não se reconhecem como membros da Igreja, distanciando-se de Cristo e do Evangelho (Cf RM 33). O principal objetivo da nova evangelização é permitir a cada homem entrar em contacto com Cristo e com a Igreja. Para

que tal se concretize a Igreja não pode ficar fechada em si mesma, mas tem de ser uma Igreja em “saída” (EG 20) que vá ao encontro de todos aqueles e aquelas que, pelos vários motivos, se afastaram do caminho de Jesus Cristo que é o caminho da felicidade.

A inculturação é uma necessidade urgente para o anúncio do Evangelho que deve ser a cura para os males atuais da sociedade. Cristo continua como o protagonista e homem como instrumento da evangelização, não podendo esta realidade ficar esquecida, pois se os homens “*não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus*” (EG 89). Através da inculturação a Igreja torna-se Igreja universal, surgindo de cada comunidade uma porção do povo de Deus, formando assim uma relação de mútua interioridade entre Igrejas, ou seja, uma unidade na diversidade dos povos, havendo assim “*uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho*” (EG 69).

O compromisso da nova evangelização terá de ser vivido num clima de diálogo com todas as religiões. O diálogo é substancial, uma vez que é a partir dele que se constrói a verdadeira fraternidade e é ele que se converte num grande e poderoso meio de evangelização. Por sua vez gera, ainda, o encontro pessoal com Deus. A importância do diálogo no anúncio da Boa Nova está em saber comunicar com todas as culturas e com todas as religiões. Pelo diálogo são possíveis, ao homem, experiências, discernimentos e avaliações acerca dos problemas existentes na sociedade e na própria vida. É pela comunicação que a Humanidade chegará a uma cultura do encontro tão necessária e importante nos dias de hoje.

Recentemente¹⁷ chegou a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* que oferece as recomendações extraídas do Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização e a Transmissão da Fé que decorreu em outubro de 2012. Todo o documento, para além da sua simplicidade, beleza e densidade dá indicações, no que diz respeito à reforma da Igreja, inserindo outras

¹⁷ Novembro de 2013.

questões pertinentes do contexto da sociedade atual. O texto oferece um conteúdo programático à Igreja, no qual, ela deve sair de si mesma e ir ao encontro das pessoas nas periferias existenciais e do mundo (Cf EG 110, 118).

O Papa afirma que *“Não é função do Papa oferecer uma análise detalhada e completa da realidade contemporânea”* (EG 52) e, continua, *“mas animo todas as comunidades a «uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos.»”* (EG 51). Insiste, ainda, na participação e na subsidiariedade que, dentro da Igreja deve estar em contínua reforma, de modo a que novos ares possam entrar nela, permitindo uma reflexão teológico-crítica e uma abertura ao diálogo com o mundo.

O fundamental da missão da Igreja é levar o Evangelho a todos os corações. Foi o que Jesus fez pela Sua mensagem e pelo testemunho na Sua humanidade e na Sua divindade, sendo também a tarefa e a missão de cada homem. Como arauto de toda a evangelização, Cristo continua, agora, a ser o arauto das novas formas de evangelização. Esta não pode ser um simples ornamento situado no passado. A evangelização renovada, de acordo com as ideias conciliares e pós-conciliares tem de envolver sobretudo a vida dos cristãos, das comunidades, e do mundo em geral. Em comunidade, o homem chegará ao bem desejado por Deus: a felicidade humana (Cf Mt 5, 1-12). Tal satisfação acontece quando o homem sabe abrir o seu coração à Palavra de Deus, esquecendo preconceitos e ou ideais culturais e religiosos.

1.3 Conceito de Encontro

Hoje a Igreja experimenta a indiferença religiosa e o abandono da fé por parte de muitos dos batizados. Deus parece não ter importância para alguns que fazem d’Ele um ser do passado. Assim torna-se difícil viver e transmitir a fé, atendendo à complexidade do mundo e da sociedade em que se vive, uma vez que já não se consegue obter as respostas que o homem

quer dar aos problemas da sua vida. Todavia, “no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça” (1 Pe 3, 15). Vive-se numa sociedade com uma escassa preocupação religiosa onde predomina um individualismo permanente e um excessivo egocentrismo, o que leva a concluir que os métodos utilizados, pela própria Igreja, para a evangelização do encontro com Deus e com os outros, não estão a ter uma plena eficácia.

Embora a religião faça parte da vida do homem¹⁸, nota-se uma desconexão significativa entre a fé e a vida, parecendo haver um medo de falar com Deus, de Deus e da vida cristã a nível familiar, comunitário ou outros ambientes. Embora o Cristianismo ainda seja uma referência atual, as referências religiosas que se fazem pelos meios de comunicação e, até pelo testemunho de vida de alguns cristãos fazem desacreditar a Igreja como instituição divina. Contudo a fé é uma porta que não se fecha, mas implica uma entrega, uma constante abertura da totalidade da vida.

É fundamental ter a consciência de que a vida é um verdadeiro encontro, algo de especial e um momento único, do qual nasce a comunhão eclesial, pois o encontro é essencialmente, um serviço de amor aos outros, o qual reflete o amor que Deus tem por cada um dos seus filhos.

O homem não é um ser fechado em si mesmo. A vida do homem assenta numa transformação contínua. O homem já não é aquilo que era: acha-se outro nos pensamentos, na reação perante certos acontecimentos, no critério dos valores, na compreensão da realidade e na aspiração a determinados ideais. A experiência humana de cada um formou os principais fatores dessa transformação. Ao longo da sua existência vai impondo a sua personalidade no mundo e na História, um mundo não criado por ele, mas que herdou dos seus antepassados. Pela sua herança, o ser humano, fala e ama, partilha sentimentos, projetos e afetos. Assim, misteriosamente procura e é procurado para um encontro com um *tu* que se realiza no amor, na aceitação, no respeito pela pessoa encontrada e pela diversidade da mesma. O outro é

¹⁸ Cf B. MONDIM, *O homem, quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica*, 218-243.

sagrado, pois o mistério mais profundo do homem tem a sua origem no mistério de Deus que é amor (Cf 1 Jo 4, 16) e está dentro de cada pessoa.

A experiência de Deus está ligada ao dinamismo do encontro. Ela faz, efetivamente, parte do encontro, uma vez que a vida humana é conduzida por Alguém superior ao homem.

Quando falam de Deus, os cristãos, falam de Alguém que tomou a iniciativa de se comunicar aos homens. Acreditar em Alguém é acreditar na sua fidelidade e firmeza, mantendo uma relação de confiança que vem até ao homem pela fé. Um Deus bom, que não deve ser confundido com qualquer ser excelso ou distante, que nunca nos é concedido alcançar, mas um Deus que Se fez próximo e está muito próximo do homem, que tem tempo para cada um e que veio para permanecer com a criatura, com a humanidade.¹⁹

O acontecimento da Encarnação do Filho de Deus ultrapassa os limites do espaço e do tempo e torna-se atual, presente. O seu efeito perdura apesar do decorrer dos dias, dos anos e dos séculos. Deus aproximou-se do homem.²⁰ Não se pode ficar alheio a que a redenção da humanidade se realiza num momento específico e identificável da história: no acontecimento de Jesus de Nazaré. Jesus é o Filho de Deus, é o próprio Deus, que não só falou ao homem, porém mostrou-lhe sinais admiráveis, guiou-o ao longo de toda uma história de salvação.²¹ Fez-Se homem e permaneceu homem. O Eterno entrou nos limites do tempo e do espaço, para tornar possível *hoje* o encontro com Ele.

“*E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós*” (Jo 1, 14). Este é um texto central acerca do mistério de Cristo. Nele se exprime de maneira concentrada a realidade insondável da Encarnação do Filho de Deus. “*Ao chegar a plenitude dos tempos, enviou Deus o Seu Filho, nascido de uma mulher*” (Gal 4, 4). Assim se cumpre a promessa de um Salvador que Deus fez a Adão e Eva ao serem expulsos do Paraíso: “*Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela; ela de pisará a cabeça enquanto tu a atingirás o*

¹⁹ Cf K. RAHNER, *Traité Fondamental de la Foi*, 92-94.

²⁰ Cf A. BROSSET, *Une église de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 118.

²¹ Cf *Ibid.* 170-172.

calcanhar” (Gn 3, 15). Este versículo do Génesis é conhecido com o nome de protoevangelho, porque constitui o primeiro anúncio da boa nova da salvação. Tradicionalmente foi-se interpretando que a mulher de que fala é Eva, em sentido direto, e Maria, em sentido pleno e que a linhagem da mulher refere-se tanto à humanidade como a Cristo. Desde então até ao momento Deus foi preparando a humanidade para poder acolher frutuosamente o seu Filho Unigénito.²²

A Encarnação tem a sua origem no amor de Deus pelos homens: “*nisto se manifestou o amor que Deus tem pelos homens, em que Deus enviou ao mundo o seu Filho para que vivamos por meio d’Ele*” (1Jo 4, 9). A Encarnação é a demonstração por excelência do Amor de Deus para com os homens, já que nela é o próprio Deus que se entrega aos homens fazendo-se participante da natureza humana na unidade da pessoa.

A Encarnação não só manifesta o infinito amor de Deus pelos homens, a sua infinita misericórdia, a sua justiça, o seu poder, mas também a coerência do plano divino de salvação, a profunda sabedoria divina que consiste na forma como Deus decidiu salvar, sacramentalmente, o homem que é precisamente mediante a encarnação do Verbo.²³ A Encarnação do Verbo é o supremo ato de amor gratuito²⁴ de Deus pela humanidade, pois o “*amor pessoal de Deus que se fez homem, entregou-se a si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade*” (EG 128) a todos os homens.

Aos sinais da presença de Deus, primeiro na Tenda do Santuário peregrinante no deserto e depois no Templo de Jerusalém, segue-se a prodigiosa presença de Deus entre os homens: Jesus, perfeito Deus e perfeito homem, em Quem se cumpre a antiga promessa mais além do que os homens podiam esperar. Também a promessa feita por meio de Isaías acerca do *Emanuel* ou *Deus-connosco* (Cf Is 7, 14) cumpre-se plenamente neste habitar do Filho de Deus Encarnado entre os homens. Por isso, ao ler com religiosa admiração as palavras do

²² Cf K. RAHNER, *La Iglesia y los sacramentos*, 14-15.

²³ Cf A. BROSSET, *Une èglise de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 114-115.

²⁴ Cf *Suma Teológica*, III, 1-2.

Evangelho “*e habitou entre nós*” (Jo 1, 14), ou ao rezar a oração do *Angelus*, é boa ocasião para fazer um ato de fé profundo e agradecido, e de adorar a Humanidade Santíssima do Senhor.

Ao recordar que o Verbo Se fez carne, isto é, que o Filho de Deus Se fez homem, deve-se tomar consciência do quão grande se torna todo o homem através deste mistério, isto é, através da Incarnação do Filho de Deus. Cristo, efetivamente, foi concebido no seio de Maria e fez-Se homem para revelar o amor eterno do Criador e Pai, assim como para manifestar a dignidade de cada ser humano.

A expressão mais profunda do Novo Testamento sobre a mediação de Cristo encontra-se na primeira carta a Timóteo: “*Há um só Deus, e há também um só mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo como resgate por todos*” (1Tm 2, 5). Jesus Cristo é mediador porque é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, mas é mediador na e pela sua humanidade.

Toda a vida de Cristo é redentora e qualquer ato humano seu possui um valor transcendente de salvação. Inclusivamente nos atos mais simples e, aparentemente menos importantes de Jesus existe um eficaz exercício da sua mediação entre Deus e os homens, pois são sempre ações do Verbo Incarnado que levam ao encontro do homem com Deus, pois “*pela Sua Incarnação, o próprio Filho de Deus uniu-se de alguma maneira a todo o homem*” (GS 22).

Na comunidade reunida no amor, na escuta e no acolhimento da Palavra de Deus, no testemunho da Última Ceia, na entrega e na doação, no partir do pão, na proteção dos pobres está Jesus Cristo ressuscitado. Perante tais atitudes cada pessoa tem o privilégio da presença do Crucificado, não podendo deixar de dar testemunho e, quando se assume esta consciência, a primeira coisa a fazer é correr para anunciar a Boa Nova do mistério pascal, que é a Ressurreição (Cf Lc 24, 13-35). O mistério pascal não é um mero acontecimento. É o Cristo total que, na totalidade da sua Pessoa e na plenitude do Seu mistério, Se quer doar a toda a

Igreja para que esta se ofereça com Ele, ao homem, e colha os frutos da união de todos aqueles e aquelas que, num só Corpo, querem constituir a verdadeira comunidade eclesial. É este o mistério da fé: o encontro de Deus com o homem e do homem com Deus. A Ressurreição é a grande prova desse mistério. É o Amor sem medida, o Amor que dá a vida pelo mundo e pelo homem.²⁵

É sempre Deus que toma a iniciativa do encontro. É Ele quem procura o homem, mesmo depois das suas quedas (Cf Gn 3, 9). O homem é, constantemente, resgatado por Deus e, por isso, o Verbo fez-se homem para habitar na Humanidade. Pela Palavra, Deus torna-se a fonte de onde dimana toda a experiência do encontro com Ele e com os irmãos (Cf Lc 24, 29).

Ao longo dos vários séculos de cristianismo, o encontro aparece como um desafio de contemplação da Igreja como a habitação comum, a casa de todos, a tenda de Deus, um espaço onde cada homem e mulher se sintam, verdadeiramente, filhos de um mesmo Pai, amados e acolhidos. Pelo facto de a Igreja não ser uma casa de perfeição - santa e pecadora - de pureza e de santidade, não significa que deixe de ser a casa da família de todos aqueles que se sentem amados por Deus e desafiados a manter uma relação de amor com os irmãos.

O homem não pode deixar de estar em relação constante com um *outro eu*. O encontro ajuda a contemplar a realidade e a verdade da vida.²⁶ O encontro com Cristo e com os irmãos é, efetivamente, iluminador das zonas mais sombrias da existência do homem, que persiste em não querer ver e, por vezes, até negar. Contudo, Cristo nunca condena, mas regenera o homem para que este volte ao encontro de si, dos outros e de Deus (Cf Jo 4, 1-42); não aponta o dedo, mas acolhe (Cf Lc 19, 1-10). O facto de cada um se sentir amado é o grande desafio à transformação da própria vida.

Crer em Deus significa ter uma experiência de intimidade, de encontro pessoal com Ele e com Cristo na vivência da fé uma fé que se experimenta como encontro na adesão a uma Pessoa, na qual se acredita e em quem se coloca toda a confiança, fruto de uma constante

²⁵ Cf K. RAHNER, *Traité Fondamental de la Foi*, 299-301.

²⁶ Cf A. BROSSET, *Une église de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 94.

relação interpessoal que só o amor faz crescer (Cf Jo 4, 5-30). A identidade do cristão é o próprio Cristo. Tudo o que se faz faz-se em relação com Cristo. Assim como fez João Batista em relação a Jesus é preciso que o *eu* diminua para que o *tu* possa crescer na relação humana. Assim deve ser a convivialidade e a intercomunhão do encontro. O homem tem de ter consciência do que significa e do que significam os outros, pois, quanto mais consciência assume de si mesmo, mais facilmente se abre a uma relação de alteridade, sendo esta relação uma profunda fonte de maturidade humana, podendo definir cada vez melhor a sua vida em relação ao outro.

Partindo da definição da Igreja como sacramento original, um sacramento é um ato salvífico pessoal do mesmo Cristo celestial, em outras formas de manifestação visível de um ato funcional da Igreja. Por outras palavras, a atividade salvífica de Cristo em forma manifesta de um ato eclesial. Os sacramentos são atos de todo o corpo místico de Cristo e da sua Igreja, não são atos mortos, mas sim encontros pessoais entre Deus e o homem ao longo da sua vida.²⁷ Cristo desempenha um papel ativo nos sacramentos, juntamente, com o seu povo de Deus já realizado no mundo.²⁸

As palavras e ações de Jesus durante a sua vida oculta em Nazaré e no seu ministério público são salvíficas e antecipam a força do seu Mistério Pascal.

“É um acontecimento real, que aconteceu na nossa história, mas absolutamente singular: todos os outros acontecimentos sucedem uma só vez, e logo passam e são absorvidos pelo passado. O mistério pascal de Cristo, pelo contrário, não pode permanecer somente no passado, pois a sua morte destruiu a morte. Toda a existência de Cristo e todo o que fez e padeceu pela humanidade participa da eternidade divina e domina assim todos os tempos e no próprio tempo se mantém permanentemente presente. O acontecimento da Cruz e da Ressurreição permanece, atrai tudo para a Vida plena” (CIC²⁹ 1085).

²⁷ Cf B. FORTE, *Introducción a los Sacramentos*, 26.

²⁸ Cf K. RAHNER, *Traité Fondamental de la Foi*, 457-459.

²⁹ Catecismo da Igreja Católica (=CIC).

E aquilo que a Igreja anuncia e celebra na sua liturgia é o Mistério de Cristo, pois,

“Com razão se considera a liturgia como o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo, através da qual, mediante sinais sensíveis, se significa e se realiza, segundo o modo próprio de cada um, a santificação do homem e, assim, o Corpo místico de Cristo, isto é a Cabeça e os seus membros, exerce o culto público” (SC³⁰ 7).

“Toda a vida litúrgica da Igreja gira à volta do sacrifício eucarístico e dos sacramentos” (CIC 1113). Os sacramentos são lugares de encontro com Cristo. *“Mestre, onde moras?”* (Jo 1,38). A esta pergunta dos discípulos de João Baptista, Jesus responde: *“Vinde e vereis!”* (Jo 1,39) O relato prossegue: *“Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram umas quatro horas da tarde”* (Jo 1, 39). É esta caminhada, é este encontro que cada um pode realizar através dos sacramentos enquanto sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja através dos quais é dispensada, ao homem, a vida divina (Cf CIC 1131).

Os sacramentos significam três coisas: a causa santificante que é a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo; o efeito santificante ou graça e, por fim, a santificação que é a glória eterna.³¹

Desde o início, a Igreja seguiu as pisadas do Mestre, propondo a quem quer encontrar Jesus um itinerário análogo ao indicado aos discípulos do Baptista. Através da relação viva e direta entre quem transmite a fé e quem a acolhe ele visa levar a quem o deseja, a abrir o seu coração a Cristo, a fim de que venha a morar³² lá e transforme por dentro a vida através da celebração consciente e ativa dos sacramentos.

“Existem na Igreja sete sacramentos: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Santa Unção, Ordem e Matrimónio. Os sete sacramentos correspondem a todas as etapas e a todos os momentos importantes da vida de

³⁰ Constituição *Sacrosanctum Concilium* (=SC).

³¹ Cf B. FORTE, *Introducción a los Sacramentos*, 8-10.

³² Cf A. BROSSET, *Une église de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 111.

qualquer cristão: do nascimento e crescimento, cura e missão à vida de fé dos cristãos. Existe aqui uma certa semelhança entre as etapas da vida natural e as etapas da vida espiritual” (CIC 1210).

Os sacramentos foram, assim, um conjunto ordenado, em que a Eucaristia ocupa o centro, pois é aí que existe o próprio Autor dos Sacramentos: Jesus Cristo.

Pode-se assim compreender que os sacramentos não são algo privado, que se celebra na solidão, mas sim algo comum e público que se deve celebrar em comunidade. Os sacramentos são o bem comum da Igreja mais significativo. Por isso, nunca se pode afirmar que a celebração de um sacramento, embora possa ser de forma escondida e privada, vá afetar todos os cristãos, a Igreja inteira. É verdade que o principal a receber os efeitos do sacramento, o interpelado e o que recebe a graça do próprio sacramento seja sempre o sujeito individual que recebe e celebra o sacramento.³³ Mas tal não é independente dos outros, mas numa relação com todos. A sua fé e a sua graça, a sua alegria e o seu compromisso sacramentais, são de algum modo a fé, a graça, a alegria de toda a Igreja. Porque os sacramentos não são *meus* nem *teus*, mas são de todos, da Igreja e, por isso mesmo a celebração e o fruto dos sacramentos são também uma realidade humana e para todo o ser humano. Portanto, quando alguém celebra um sacramento, é a Igreja que o celebra com ele e ele com a Igreja. É a Igreja que se expressa e se realiza por ele e ele pela Igreja. Assim, pode-se compreender com facilidade que o sacramento não deve ser entendido como uma coisa ou um objeto, mas sim como uma celebração, onde se realiza um encontro interpessoal entre Deus, o sujeito e a Igreja.³⁴ Partindo desta conceção, pode compreender-se muito melhor o que significa a graça no encontro.

Dionisio Borobio afirma que:

³³ Cf B. FORTE, *Introducción a los Sacramentos*, 14-16.

³⁴ Cf *Ibid.* 19-21.

“Os sacramentos expressam e realizam o equilíbrio entre o suprarracional e o infra-racional, porque harmoniza e combina o mistério (suprarracional) com o símbolo (infra-racional), a realidade com a aspiração do desejo. Neles se harmonizam igualmente a relação do singular com a coletividade, do indivíduo com a comunidade, da disciplina ou norma litúrgica com a espontaneidade e a criatividade. A Liturgia e, portanto os sacramentos, têm na Igreja o verdadeiro sujeito da celebração que, desta maneira, é e deve aparecer como celebração comunitária e participativa. Mas uma participação que deve ser plena e activa, em corpo e alma, do sujeito pessoal. E assim podemos dizer igualmente que o homem, o indivíduo concreto, na totalidade do seu ser, é também o verdadeiro e próprio sujeito, a matéria própria, a finalidade santificante dos sacramentos.”³⁵

O caminho para a educação da fé realiza no tempo o itinerário proposto por Jesus aos dois discípulos do Baptista, e assim tomar consciência do dom recebido nos sacramentos e a vivê-los em toda a sua beleza.

Uma atitude de comunhão e de responsabilidade leva a um compromisso de encontro com toda a sociedade e com a História (Cf Ex 3, 7-10), o qual se fundamenta no Amor. Este é o grande talento que Deus espera que se multiplique e nunca se esgote. A riqueza que Deus dá ao homem pelo Amor, pela Aliança feita por meio de Moisés no Antigo Testamento e por Jesus Cristo no Novo Testamento é a base da relação humana. Deus lança o desafio a toda a humanidade e, todo aquele que aceita fazer a experiência do encontro com Deus, sente-se afetado e transformado *“não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho”* (Lc 24-32) tal como aconteceu com os discípulos de Emaús (Cf Act 9, 8-18).

No Sacramento da Eucaristia realiza-se, por excelência, a promessa de Jesus que disse:

“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.” (Mt 28, 20).

³⁵ DIONISIO BOROBIO, *Sacramentos y etapas de la vida – Una visión antropológica de los sacramentos*, 23 (tradução do autor).

Graças a este grande mistério, ao longo da História, as comunidades crentes fazem memória da Pessoa de Jesus Cristo³⁶. Neste sacramento, o encontro, assume a própria beleza de Deus que é oferecida ao homem na comunhão. Comungar Cristo é encontrar-se com Ele é deixar-se inundar pela Sua beleza, pois a Eucaristia é o cimento divino que une as pedras vivas do templo do Senhor. Participar da Eucaristia é participar da meta (cume) e fonte de toda a vida cristã (Cf SC 10).

A Eucaristia só se pode celebrar havendo presente o espírito de serviço total. Só o ser humano em comunhão com todos, particularmente com os mais pobres e necessitados, pode entrar em comunhão com Aquele que se fez pobre (Cf EG 209-216). O homem precisa de se convencer que não pode viver sozinho, sem participar da vida da comunidade eclesial. O cristão é vocacionado a ser um homem eucarístico em todo o seu ser, meditando e testemunhando a beleza de Deus na vida, na Igreja e no mundo. Qualquer serviço religioso de assistência é a prova de que o homem, ainda é um ser disponível para o encontro.

O ser humano deve estar aberto à presença de Deus, a uma vida em Deus para Ele e para os outros (Cf CPS³⁷ 17-23). Pode-se encontrar Deus em todas as circunstâncias da vida, todavia, uma das mais importantes é o sofrimento. O encontro com o sofrimento, a tristeza, a dor, a perda é inevitável. O homem vive num mundo no qual imperam dinamismos poderosos que não se podem evitar.

O encontro é sempre um chamamento que se dá em qualquer circunstância da vida e de forma gratuita. A humanidade é constituída de seres com limites corporais, morais e sociais. Porém, são estas limitações que se tornam o ponto de partida para a compreensão de um sentido de vida diferente que se deve saber enfrentar com realismo³⁸. Toda a experiência de vida se converte numa verdadeira teofania, num profundo encontro com Deus, um encontro que deve ser procurado, humildemente, para que haja um regresso sincero à casa do Pai (Cf

³⁶ Cf JOSÉ DA SILVA LIMA, «La Reencontre» in *People on the move* 96 (2004) 65-67.

³⁷ Carta aos Profissionais de Saúde (=CPS).

³⁸ Cf A. BROSSET, *Une église de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 127-148.

Lc 15, 11-32). Na experiência deste (re)encontro nota-se a ternura de Deus que coloca o homem, de novo, na condição de filho.

É importante cultivar uma relação íntima com os outros e com o Outro. O homem deve, em si, granjear uma atitude de comunhão com um tu que o leve a sentir-se um ser de autêntica travessia, na qual o homem transporte em si a verdadeira felicidade do encontro, da relação pessoal como um serviço de amor.

Como diz o profeta Isaías “*Buscai o Senhor, enquanto se pode encontrar; invocai-o, enquanto está perto*” (Is 55, 6). Talvez tenha sido esta a experiência que o homem sempre desejou: encontrar um sentido para tudo; encontrar-se com Deus e com os irmãos; refugiar-se no coração de cada um deles. Esta é uma experiência que habita no íntimo de cada homem, porém, de uma forma discreta. O coração do homem está sedento de amor e procura encher-se de sentido para a vida, refugiando-se na certeza e na confiança de um encontro com os demais, na certeza de que é nos outros que encontrará, também, a plenitude da sua própria existência.

É do encontro que nasce, para o homem, uma nova entidade. A relação vivida deste modo faz nascer uma nova realidade que vai além dos confins da própria relação.

O homem não é um indivíduo isolado, mas um ser ligado a um outro ser. Cada um destes seres é chamado ao encontro alegre que a Igreja deve propor e nunca impor (Cf EG 14).

Para uma ação pastoral bem feita há a necessidade de se trabalhar na atualidade, no aqui e no agora, interpretando os sinais dos tempos, sem medo de ir ao encontro de todos para anunciar com alegria o Evangelho de uma forma renovada, semeando a Palavra e a atitude do encontro no coração de todos sem aceção de ninguém (Cf EG 21-23), mas não de forma apressada.

A felicidade da relação entre o *eu* e o *tu* está em ir e permanecer o mais tempo possível, pois Cristo aguarda pelo homem para que fique junto a Ele (Cf Jo 1, 39). Esta atitude implica sair do seu próprio interior e ir à procura de todos os que querem abrir a porta do seu coração.

À semelhança de Jesus, o homem, deve saber encontrar-se com o outro. Deve saber encontrar-se com o Zaqueu (Cf Lc 19, 1-10), com José de Arimateia (Cf Mc 15, 42-43), com os estrangeiros (Cf Mt 8, 5-13), com as prostitutas e com os pecadores (Cf Mc 2, 17-17). Quem se abre a esta atitude de relação e de encontro abre-se a uma nova vida, abre-se ao Reino de Deus, abre-se, verdadeiramente à liberdade e à confiança do outro.³⁹

O papel que o encontro assume na vida do homem não é apenas um papel de conversão, mas também de levar certezas àqueles que as não têm. O cuidado que se deve ter com aqueles que estão distantes, não é apenas bom para eles, mas acima de tudo para quem vai ao encontro e para quem se liberta do seu próprio esconderijo. Só quando o homem descobre a sua verdade, quando a aceita e a ama é que é verdadeiramente livre.⁴⁰

Há algo que, hoje, o mundo tem a necessidade de aprender: Amar. No amor habita o verdadeiro encontro do homem com os seus irmãos e com o próprio Deus.

Cada um tem um caminho pessoal a percorrer e este caminho amoroso levará a um verdadeiro anúncio da Pessoa de Cristo que ensinou a amar de modo complacente e gratuito. Anunciar o Evangelho tem de ser a prova de Amor que a humanidade partilha entre si. O encontro também é partilha e a partilha nunca deixa de ser evangelização.

A ideia de serviço deve ser a consciência plena de que o coração de Deus é o verdadeiro lugar de encontro do homem, pois é na Luz de Deus que se pode conhecer a luz que brota do coração de cada criatura criada à imagem e semelhança do Criado.

O encontro é, assim, uma resposta pessoal ao convite de Deus vivo através da relação humana. A relação do homem com o homem e do homem com Cristo é, pois, Sacramento do encontro com Deus, “*sacramento originário*”⁴¹ que, pelo chamamento, pelo diálogo, pelo serviço, pela graça, pela humanidade e pela relação existencial se faz sentir e se cumpre no

³⁹ Cf E. BIANCHI, *Foi et confiance*, | traduit de l'italien Matthias Wirz|. – Paris: Les Éditions du Cerf, 2014, 71-72.

⁴⁰ A. COUTO, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, 101-102.

⁴¹ B. FORTE, *Introducción a los Sacramentos*, 13

seio da comunidade eclesial.⁴² Neste sentido, o homem deve perseverar na procura de Deus não caindo em desânimo.

O homem, na sua intimidade com Deus é transformado (Cf Jo 17, 17), mas para que tal transformação aconteça, o homem deve dispor o seu coração à voz de Deus. Assim, Deus imprimirá mudanças evidentes no coração de cada ser humano que vai ao encontro do outro.

O homem que procura Deus de uma forma íntima e pessoal a Deus tem, também a capacidade de mudar a sua forma existencial, pois só o encontro com Deus tem a capacidade de mudar o interior humano em relação ao mundo e à humanidade.

⁴² Cf B. FORTE, *Introducción a los Sacramentos*, 16.

2. A Pastoral como Encontro na obra de Agathe Brosset

O verdadeiro encontro implica sair de si mesmo para procurar o outro. Como afirma o Papa Francisco:

“Sabedoria do coração é estar com o irmão. O tempo gasto junto do doente é um tempo santo. É de louvar a Deus, que nos configura à imagem do seu Filho, que «não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão» (Mt 20, 28). Foi o próprio Jesus que o disse: «Eu estou no meio de vós como aquele que serve» (Lc 22, 27). (...)

Sabedoria do coração é sair de si ao encontro do irmão. Às vezes, o nosso mundo esquece o valor especial que tem o tempo gasto à cabeceira do doente, porque, obcecados pela rapidez, pelo frenesim do fazer e do produzir, esquece-se a dimensão da gratuidade, do prestar cuidados, do encarregar-se do outro. No fundo, por detrás desta atitude, há muitas vezes uma fé morna, que esqueceu a palavra do Senhor que diz: «a Mim mesmo o fizestes».”⁴³

O sofrimento é o maior obstáculo ao conhecimento de Deus por parte do homem e, perante as calamidades naturais ou provocadas pela humanidade, surge a eterna questão: onde está Deus? Como pode Deus permitir o sofrimento de tantos inocentes?

Perante a realidade do sofrimento, o próprio Deus parece ser impotente. Aí toca-se em algo paradoxal e inexplicável: a aparente fraqueza de Deus. Todavia do ponto de vista cristão, o sofrimento é o elo de ligação entre Deus e a humanidade. O sofrimento aparece como um meio por onde Deus chega ao homem e o homem a Deus (Cf EG 24). A este meio chama-se encontro.

Em Cristo sofredor, cada cristão encontra o significado dos próprios sofrimentos. Deus desceu às zonas obscuras da humanidade, aos sofrimentos, aos fracassos, às amarguras, para sentir o sofrimento humano como Seu.

⁴³ Mensagem do Papa Francisco para o XXIII Dia Mundial do Doente, 3-4.

De facto, na sua paixão, morte e ressurreição toda a humanidade recebe um testemunho do pleno amor de Deus. Aqui o sofrimento ganha uma nova dimensão, porque é neste mistério que Deus se revela, definitivamente, como verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Os sofrimentos de Cristo são, conseqüentemente, os sofrimentos de Deus.

Na sua atividade messiânica no meio do povo, Cristo tornou-se próximo do sofrimento humano e liberta o homem do pecado e da morte. A sua missão atinge o mal nas próprias raízes, na sua dimensão temporal e histórica.

O amor de Deus pela humanidade é infinito, assim “*Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho Unigénito*” (Jo 3, 16). A entrega do seu Filho tem como objetivo atingir as próprias raízes do mal humano e deste modo se aproximar, de forma salvífica, do mundo do sofrimento e do encontro, no qual o homem é participante.

Em cada procura há sempre o gérmen do encontro e, em cada encontro, desperta a vontade de uma nova procura. Como diz Santo Agostinho “*Procuremos como quem há-de encontrar e encontremos como quem há-de procurar. De facto, quando o homem tiver acabado, então está no começo*”.⁴⁴

Em cada procura e em cada encontro, o homem tem de perceber que é Deus que toma a iniciativa do chamamento. Quando vai à Sua procura, o homem nota que é Ele (Deus) quem primeiro o procura (ao homem). E quando o homem encontra Deus, sente que é Ele que o encontra, que é Ele que nunca deixa de o procurar. N’Ele (re)encontra o que perde. Em Deus (re)encontra-se quando se perde. Sem dúvida, Deus é quem mais irmana os homens, fazendo deles uma família, uma comunidade.

A vida é uma festa de encontro e é importante que o homem se saiba encontrar com Deus através do encontro com os outros e saiba encontrar Deus sem que se deixe de (re)encontrar com Ele. Neste sentido, a Igreja tem de ter muito viva a sua identidade evangélica e

⁴⁴ SANTO AGOSTINHO, *De Trinitate IX, Trindade*; | tradução Arnaldo do Espírito Santo, Domingos Lucas Dias, João Beato, Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel |. – Paulinas Editora, Prior Velho, 2007, 42.

missionária, para que possa dar um testemunho eclesial no mundo⁴⁵ através da escuta do Espírito Santo e do diálogo que identificam a Igreja como um espaço que nasce do encontro e não tem receio de aumentar o espaço da sua tenda (Cf Is 54, 2), dando ao mesmo tempo, testemunho da Ressurreição de Cristo o Bom Pastor que a precede e está ao serviço do Reino de Deus.⁴⁶

2.1 Uma Igreja de Encontro sócio-elcesial

Nos tempos de hoje há carência de relações entre o mundo e a Igreja. A Igreja tem de fazer caminho com a sociedade e deve estar no mundo de acordo com o tempo geracional que se vive.

A teóloga aborda com base em depoimentos de membros das capelanias, o papel da presença da Igreja no serviço público de saúde, emblemático na abertura ao mundo e desejada pelo Concílio Vaticano II (Cf GS 25-30). Dedicar uma especial atenção à análise dos dois principais modos de ação pastoral:⁴⁷ a assistência religiosa e o companheirismo (parceria).

A Igreja tem de ser uma estrutura de diálogo e de presença no mundo. Esse diálogo deve ser concretizado com muito respeito e muita disponibilidade. O Concílio Vaticano II, particularmente a Constituição pastoral *Gaudium et Spes* incita a estrutura eclesial a escutar e

⁴⁵ Cf A. BROSSET, *Une èglise de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 10 – Dentro do serviço público, regido pelo princípio da laicidade, a relação Igreja-sociedade é vista com respeito e confiança mútua. Esta novidade aparece como um testemunho eclesial (tradução do autor).

⁴⁶ Cf *Ibid.* 11.

⁴⁷ “Em Portugal a assistência espiritual e religiosa é um direito do doente, afirma o Decreto-Lei 253/2009, artº12º. A presença das Igrejas ou Comunidades Religiosas no hospital deriva deste direito à assistência. Nos termos do artigo 12º do Decreto-Lei 253/2009, ao utente, independentemente da sua confissão, é reconhecido o direito a: “a) *Aceder ao serviço de assistência espiritual e religiosa*; b) *Ser informado por escrito, no momento da admissão na unidade ou posteriormente, dos direitos relativos à assistência durante o internamento, incluindo o conteúdo do regulamento interno sobre a assistência*; c) *Rejeitar a assistência não solicitada*; d) *Ser assistido em tempo razoável*; e) *Ser assistido com prioridade em caso de iminência de morte*; f) *Praticar actos de culto espiritual e religioso*; g) *Participar em reuniões privadas com o assistente*; h) *Manter em seu poder publicações de conteúdo espiritual e religioso e objectos pessoais de culto religioso, desde que não comprometam a funcionalidade do espaço de internamento, a ordem hospitalar, o bem-estar e o repouso dos demais utentes*; i) *Ver respeitadas as suas convicções religiosas*; j) *Optar por uma alimentação que respeite as suas convicções espirituais e religiosas, ainda que tenha que ser providenciada pelo utente*” (<http://www.vozdaverdade.org>, 18-03-2015, 21h58).

a dialogar com a sociedade, de modo a que se torne mais fácil responder aos problemas sociais e humanos.

Tomar consciência do diálogo e da escuta ajuda o homem a aproximar-se e a formar-se para o encontro, uma vez que o encontro não é uma simples representação, um teatro, mas deve ser uma realidade vivida consciente e mutuamente⁴⁸, na qual se deve valorizar a experiência e as competências de cada ser humano. É nesta valorização, na reciprocidade de aceitação do outro que se constrói um verdadeiro mundo de dignidade e de igualdade onde o homem tem direitos e deveres e deve estar aberto às relações sociais de comunhão entre todos.

A Igreja deve ser a impulsionadora da iniciativa do encontro com as diversas instituições civis. Para atingir tal objetivo é necessário que o serviço espiritual prestado - quer nas escolas, hospitais, prisões e outros espaços sociais - pela Igreja marque a diferença pela cooperação, pela presença e pela proximidade das pessoas tal como aconteceu com Jesus em relação aos homens e mulheres do seu tempo.⁴⁹

A relação entre a Igreja e a sociedade implica, antes de mais, um diálogo relacional pelo qual a Igreja possa dar testemunho da sua essência a um mundo de várias culturas e religiões. Isto acontece nos serviços religiosos prestados às instituições que, ainda, permitem a assistência religiosa e onde existe a figura de um capelão ou assistente religioso, estabelecendo deste modo, relações de colaboração e de diálogo entre a Igreja e a sociedade.⁵⁰ Estas relações demonstram a essência missionária e apostólica da Igreja. Uma Igreja que se faz próxima dos pobres, dos agonizantes e de todos aqueles que, pelas variadas formas, mais sofrem. Aquele que vai ao encontro do outro deve fazer com que aquele com quem se

⁴⁸ Cf *Ibid.* 40 – Daí a sua proximidade com os pobres, os cegos, os leprosos, os estrangeiros, as prostitutas, os cobradores de impostos, etc. A totalidade das relações humanas é também referido no mandamento de amar os nossos inimigos (tradução do autor).

⁴⁹ Cf *Ibid.* 18-19 – Toma-se a iniciativa de encontro com os representantes de cada uma dessas Instituições (tradução do autor).

⁵⁰ Cf *Ibid.* 27-28 – Quando os membros das equipas de capelania hospitalar expressam o seu compromisso no contexto de um hospital ou casa de tratamento eles usam o termo "colaboração". A relação com o pessoal do hospital é visto como essencial e, portanto é desejado pelos membros das equipas de capelania (tradução do autor).

encontra se sinta estimado, respeitado, escutado e confiante, pois na confiança está a base fundamental e possível do encontro.

As relações eclesio-sociais tornam-se indispensáveis à missão da Igreja e contribuem para uma humanidade mais fraterna e de comunhão atenta àqueles que se sentem mais desprotegidos.

A Igreja não age sozinha. A Igreja não existe sem membros que façam parte do seu corpo eclesial, da qual Cristo, o Bom Pastor é a cabeça. A Igreja, apenas é Igreja, porque estabelece relações de encontro e trabalha, reciprocamente, pela unidade do homem, podendo-se confirmar que a assistência religiosa é uma componente integrante de qualquer estabelecimento social, tornando importante o bom funcionamento dos espaços.⁵¹

O Concílio Vaticano II impeliu a Igreja a dialogar com o mundo para um mútuo conhecimento (Cf GS 92). O diálogo implica sempre duas vertentes: a escuta e a palavra. A Igreja deve saber falar, mas para isso, também deve saber escutar e, escutando deve estar preparada para oferecer, sempre, uma palavra de esperança ao homem, porque há situações na vida do homem em que é preferível ouvir o silêncio das palavras do que palavras no silêncio.

A Igreja tem o dever de se dinamizar e de transformar a sua presença no mundo, de modo que dê a conhecer a sua missão e exprima o seu testemunho no decorrer da História.

O homem sabe que o grande amor de Deus pela humanidade está sempre em primeiro lugar. Deus fez-se homem em Jesus Cristo, revelando-Se ao homem criado. Deu-se o mistério da Encarnação, porque Deus ama o homem e, por isso enviou ao mundo o Seu Filho para ser um homem igual a todos os homens, apenas com a ausência do pecado.

Ora se o amor está em primeiro lugar na vida do homem, significa que está acima de qualquer egoísmo, de qualquer isolamento e até da própria morte. Aqui a Igreja dá testemunho de si mesma. Quer pelo amor quer pela confiança, a Igreja cria uma aliança

⁵¹ Cf *Ibid.* 28.

verdadeira fundada no amor com a humanidade, sendo que hoje a grande e difícil tarefa eclesial seja a adaptação à sociedade na qual se insere.⁵²

O Amor verdadeiro transborda na pessoa humana, irradia paz, produz vida nova e ilumina. Além disso, o Amor torna o homem mais alegre, mais próximo e mais feliz, mais aberto às oportunidades de encontro pessoal e comunitário, social e espiritual.

Cada homem é um poço de água viva, fundamento da sociedade. Uma fonte onde se pode extrair experiências que nutrem o caminho que cada um percorre. Se Deus ajudou o homem a chegar até aqui com este ardor evangélico é porque, pela fé, esperança e caridade Ele continuará a guiá-lo. Deus serve-se do Amor fraterno para realizar a sua obra salvadora.

2.2 Parceirismo: escolha missionária da Igreja

Os serviços públicos são uma espécie de *microcosmos da sociedade*, tendo a Igreja o dever de se inserir nestas realidades sociais e dar um sinal específico da sua missão e do Reino de Deus que anuncia no mundo. Para que tal aconteça, a Igreja deve-se inserir dentro das questões sociais, por vezes sensíveis, presentes em cada diocese e em cada paróquia. Estas devem ser uma preocupação inerente a toda a ação evangelizadora da comunidade eclesial.

É evidente que toda a evangelização deve percorrer todas as dimensões e exigências sociais que representam a porta de entrada para setores mais específicos, a partir dos quais se desenvolve uma ação concreta de encontro.

Perante a evolução da diversidade religiosa e das crenças existentes, a Igreja tem de marcar a sua presença no mundo.

⁵² Cf A. BROSSET, *Une èglise de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 34 – O amor de Deus pelo mundo tem o primeiro lugar e, por isso desperta uma fidelidade inabalável de Deus na sua aliança com a humanidade. A igreja pelo seu testemunho missionário deve saber integrar-se na sociedade em que está inserida (tradução do autor).

O Concílio Vaticano II aponta para o compromisso e para o respeito dos direitos humanos, ficando deste modo salvaguardada a dignidade de todo o homem que, ainda hoje continua, radicalmente, a decrescer e a não ser respeitada.

Perante a miséria das injustiças sociais que o mundo vive é importante que a Igreja defenda os direitos de qualquer pessoa (Cf CDSI⁵³ 105-107). A Igreja é companheira do homem. Uma companheira que revela a presença de Deus na vida humana, fazendo com que o homem, ao resolver os conflitos entre si, consiga uma ação de Deus mais eficaz.

A presença amorosa de Deus na vida daqueles que mais sofrem e das pessoas que os acompanham faz parte da missão eclesial, levando a Igreja a ter oportunidades de encontro por vezes impossíveis em outras circunstâncias. A missão evangelizadora da Igreja torna-se, portanto, a grande característica da Igreja que a identifica como discípula de Jesus Cristo e que perante a fé, a esperança e a caridade dá testemunho da Ressurreição do Senhor (Cf CDSI 108-110).

Jesus aproxima-se dos miseráveis, dos pobres, dos necessitados e dos doentes com palavras, mas acima de tudo com gestos e com obras. E, sendo a Igreja de Cristo ela tem de seguir o seu exemplo. Tem de ser referência às primeiras comunidades de discípulos que vieram na Crucificação e na Ressurreição um mundo novo a construir, um novo caminho a seguir.⁵⁴

O discípulo é aquele que segue fielmente o Mestre. É testemunha viva daquilo que faz o Mestre. A Igreja não pode fugir a esta realidade. O ponto de partida é uma estrada e os discípulos põem-se a caminho (Cf Lc 24, 13-33). Por vezes caminham tristes, abatidos e desanimados, porque a experiência com o conhecido *Galileu* terminou na cruz. Todavia, novamente se alegram ao terceiro dia com a Ressurreição Gloriosa, também a Igreja deve manter esta alegria da Ressurreição, sendo sempre a testemunha viva e fiel do seu Mestre em qualquer circunstância, mantendo a sua verdadeira identidade cristã.

⁵³ Compêndio da Doutrina Social da Igreja (=CDSI).

⁵⁴ Cf *Ibid.* 48.

Jesus, o Verbo de Deus feito homem, inicia assim um novo caminho de esperança enraizado no encontro, no diálogo evangelizador e na vivência da sacramentalidade em comunidade. No caminho dá-se o encontro entre o homem e a Palavra de Deus, pois o homem precisa de deixar a própria vida falar e, a vida fala quando o homem se sabe silenciar para escutar a Palavra de Deus.

Todo o diálogo prevê reciprocidade e respeito à alteridade. O verdadeiro encontro, aquele que ajuda a crescer e a transformar a vida exige transparência e verdade; exige que o homem valorize o outro enquanto pessoa, grupo, povo, cultura ou religião. No coração do ser humano e no coração de cada cultura encontram-se as sementes do Verbo. No encontro, o homem pode fazer desabrochar essas sementes para a construção de uma sociedade mais justa e mais unida.

Promover encontros é abrir poços, onde a água e a sede de cada um se possam encontrar. Isto é uma condição para o crescimento humano. A tarefa pastoral que se impõe, hoje, é a promoção de encontros onde o povo trabalhe, caminhe e, à luz da Palavra de Deus e das obras realizadas em favor dos irmãos, encontre soluções para a resolução de muitos dos problemas sociais.

Atualmente, a Igreja tem de fazer um profundo exame de consciência, quer a nível comunitário quer a nível pessoal, no qual reveja os momentos que têm colocado mais entraves à sua essência missionária. Uma nova observação pastoral será o ideal para tal esclarecimento.

⁵⁵ É importante que a Igreja se (re)encontre consigo mesma e possa abrir oportunidades de encontro a todos aqueles que dela participam e querem percorrer um caminho. A Igreja não pode ficar parada no tempo. Ela tem de caminhar e atuar de acordo com os sinais dos tempos, anunciando a originalidade que cada dia lhe trás, à semelhança dos primeiros discípulos de Jesus Cristo que foram os arautos da Boa Nova de conversão e adesão ao Mestre.

⁵⁵ Cf *Ibid.* 52 – A (re)leitura pastoral é feita pela partilha da palavra (...). A (re)leitura pastoral deve ser um caminho de fraternidade entre os membros da equipa, demonstrando que todos estão cingidos à mesma tarefa, com a mesma preocupação no espaço hospitalar para testemunharem e darem provas da boa nova (tradução do autor).

O Concílio Vaticano II - um concílio pastoral ao contrário de outros concílios eclesiais - trouxe para a Igreja e para o mundo novas formas de pensamento e reflexão da sociedade de então. Hoje, a Igreja, deve seguir o mesmo método de interpretar a evolução do mundo de acordo com a atualidade e com as faculdades que possui.

Feita de homens, a Igreja não pode deixar de ser, constantemente, um novo Pentecostes que acolhe e que vive à luz do Espírito Santo (Cf Act 1,8). Pela força do Espírito, a comunidade eclesial continua a percorrer o seu caminho, dando testemunho e anunciando a salvação que ficou prometida, ao homem, pelo Messias. Para que tal realidade permaneça viva, a Igreja tem de estar presente na sociedade e tem de fazer de si mesma uma oportunidade de encontro no mundo, com o mundo e para a humanidade, estabelecendo uma relação particular, profunda e pessoal com Deus que deseja a comunhão de todo o homem.

É essencial e urgente dar um testemunho, concreto e fiel, do Reino de Deus no mundo. Um Reino de justiça e de paz, de amor e de serviço, de comunhão e de encontro que chegue ao coração de todos, mesmo daqueles que se sentem mais afastados e dos que não conhecem a verdadeira essência de Deus. O anúncio do Reino de Deus tem de estar no centro da missão eclesial.

A Igreja tem, na sua missão, uma dimensão compreensiva dos problemas sociais existentes, por vezes complexos e difíceis de resolver. Perante tais circunstâncias e, atendendo aos sinais dos tempos, ela deve caracterizar-se pela hospitalidade à semelhança da de Jesus, dando assim o testemunho de uma Igreja hospitaleira que acolhe, que se aproxima, que se abre e que ama o homem. Esta hospitalidade exige que se reconheçam os sinais que dizem respeito e que identificam o Reino como um momento favorável no mundo.⁵⁶ A Igreja com as suas atitudes e com o seu estilo nunca pode deixar de dar testemunho e esperança da

⁵⁶ Cf *Ibid.* 65 – À semelhança jeito de Jesus, profeta do Reino em palavras e obras, num contexto novo de modernidade, a Igreja pode ser recebida e acolhida. O testemunho anúncio Kerygmático deve habitar no meio social. Deve ser anúncio de uma Igreja apaixonada pela libertação e proximidade, (...) que vive em um autêntico serviço em favor do homem no meio da criação (tradução do autor).

Ressurreição. À imagem de Cristo, a Igreja está ao serviço da humanidade e deve fazer um caminho com ela, permanentemente.

2.3 Caminhar em Igreja

No contexto atual, o pastor não é uma imagem muito reconhecida. Tem-se a figura do pastor como uma pessoa que cuida, simplesmente, de ovelhas. Há um contato direto na relação entre o pastor como aquele que cuida, e as ovelhas como aquelas que são cuidadas. O pastor conhece o seu rebanho e condu-lo com o som da sua voz. As ovelhas conhecem a voz do pastor e deixam-se conduzir por ele. Esta relação entre *pastor* e *ovelhas*, metaforicamente é transportada para a relação entre a Igreja, na pessoa de Cristo Bom Pastor, e o homem. É importante que, em Igreja, não se percorra o caminho sozinho. A Igreja deve ser o rebanho das ovelhas que seguem o Pastor que é o próprio Jesus, construindo-se deste modo a identidade eclesial do serviço e, neste caso concreto como faz referência Agathe Brosset⁵⁷, na figura do capelão e do assistente religioso.⁵⁸

A Igreja tem de ser companheira do homem no caminho que faz ao seu lado, segurando-o ao colo nos momentos mais difíceis da vida. Tal como uma mãe ampara o seu filho nos braços nos momentos de maior dificuldade, assim deve ser a Igreja para com aqueles que a habitam. A Igreja acompanha a vida do homem, fazendo-se acompanhante ao longo do seu caminho. O acompanhar eclesial deve ser uma forma de abertura ao mundo, uma nova forma de construir Igreja. Tem de existir um companheirismo entre o homem e a Igreja, sempre.

No que se refere ao capelão e ao assistente religioso, estes devem ser autênticos companheiros daqueles com quem iniciam um caminho de acompanhamento a nível vivencial.

⁵⁷ Cf *Ibid.* 130.

⁵⁸ Cf *Ibid.* 27.

Embora, por exemplo, o hospital seja um lugar e na generalidade das vezes um espaço de passagem, não deixa de ser necessário educar as pessoas para tal realidade, o mesmo acontece nas diversas instituições que permitem o serviço religioso. Mas, sendo o hospital um lugar transitório não deixa de ser um lugar de serviço onde se vive o encontro. Nestas circunstâncias, também se pratica a evangelização, quiçá intensamente aqui, se sente a presença viva da Igreja.

Ir ao encontro dos que mais sofrem é um trabalho pastoral de grande importância e responsabilidade. Pode, porém ser uma das únicas oportunidades em que o doente sente a presença, a companhia, a hospitalidade e, também, a vitalidade da Igreja.

O projeto pastoral implantado no campo da saúde não se reduz apenas aos doentes, mas abrange também os seus familiares, sendo por vezes uma visita ao doente o início de uma relação com as pessoas que o rodeiam.

Falar de companheirismo é falar de comunhão fraterna e de relação. Estas nascem de um *eu* e de um *tu* que se vai construindo ao longo do tempo.

Se antes já o era, agora não deixa de ser um imperativo pastoral de grande urgência a relação entre as capelanias e os serviços sociais, nomeadamente os hospitais, uma vez que acompanhar os doentes é um desafio para qualquer cristão.

Ao conhecer a realidade de cada um é importante amar e cuidar desinteressadamente. A experiência deste serviço faz das equipas de apoio uma autêntica comunidade solidária.⁵⁹

A responsabilidade que cada um deve transportar mede-se pela competência de ser como o bom samaritano (Cf Lc 10, 29-37) que ficou surpreendido por aquele irmão que estava doente. Ao ver tal acontecimento aproxima-se dele, perde algum do seu tempo, corre riscos, paga-lhe as despesas do tratamento, mas cura-lhe as feridas e dá-lhe uma nova alegria para viver. Ter esta atitude para com aquele que sofre dá uma verdadeira imagem de que a Igreja é

⁵⁹ Cf *Ibid.* 92 – Aqui o companheirismo entre as pessoas envolvidas numa mesma missão constrói a comunidade que é sinónimo de fraternidade (tradução do autor).

uma comunidade de serviço, de amor e de encontro para aquele que sofre e para aqueles que o acompanham.

Não é preciso dizer muitas palavras nem praticar obras colossais, mas é preciso saber ir ao encontro, saber estar e permanecer. Aquele que visita o outro na doença manifesta-lhe o interesse que Deus tem por ele.

A simples presença do capelão e do assistente religioso, por vezes acompanhada de um despretenso olhar ou de um simples sorriso verdadeiro, pode dar um grande bem-estar a muitas pessoas. A sua presença deve transbordar a paz de Deus e tem de ser espelho do rosto de Deus. É impreterível que ambos vão ao encontro de quem deles precisa, porque no momento próprio eles têm de lá estar a servir com a sua presença à semelhança de Jesus que “*não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão*” (Mt 20, 28).

O sofrimento humano e a doença continuam a ser duas realidades às quais, dificilmente se consegue dar uma resposta ou sentido. A Igreja, na sua missão deve ter em especial atenção as dificuldades de todos aqueles e aquelas que sofrem e que, porventura perdem a força ou o desejo de viver. Na ação pastoral, a comunidade eclesial deve saber quais são os serviços específicos onde se pode integrar para apoiar as pessoas nas suas provações. A assistência religiosa deve ser uma missão de todos, como membros da Igreja, ao ponto de cada um se dar a si mesmo, de dar o “*seu próprio eu ao outro*” (SD⁶⁰ 28). Esta entrega dá origem ao encontro e faz com que o homem se sinta, realmente, mais humano, mais próximo, mais feliz.

⁶⁰ Carta Apostólica *Salvifici Doloris* (=SD).

2.4 As equipas de assistência religiosa como Encontro na identidade eclesial

As relações humanas estabelecem-se pela existência de um sujeito em relação a um destinatário. Assim, formam um *nós* ao qual se dá o nome de comunidade humana.⁶¹

Embora a sociedade, seja por vezes frágil e complexa, não pode deixar de ter um projeto de vida, de mudança, um projeto pastoral, uma vez que perante tantas questões sociais (sejam elas políticas ou profissionais, familiares ou pessoais) é urgente uma resolução de tais problemas. Isto não significa uma inovação radical, mas uma mudança, uma transição que acompanhe os caminhos que o homem percorre, constantemente. Em todas estas dimensões há uma aventura pessoal na aposta em um projeto que leva à realização do próprio ser humano.

Porque é que se visita um doente? Esta é uma questão que se coloca, frequentemente, e que necessita de resposta.

Muitos homens e mulheres, bem como os que os rodeiam, passam dias, meses ou anos em constante sofrimento. Cada um deles é um campo de ação onde a Igreja pode atuar.

No encontro com o doente, aquilo que mais se reflete não é tanto o olhar, mas sim o escutar. É preciso deixar que aquele que sofre conduza a relação e guie o encontro, não exigindo, aquele que vai, mais do que aquilo que o sofredor autoriza. Aquele que escuta deixa que o outro esteja presente. Esta forma de acolher permite que o enfermo consiga olhar muito além dos seus próprios sentimentos e, pessoalmente encontre as suas respostas.

A identidade da Igreja reflete-se pela forma como caminha ao lado de quem mais precisa. A Igreja não pode nem deve ser de imposição ou de obrigação, mas apenas de propostas, fazendo delas uma autêntica *sacramentalidade*.⁶²

⁶¹ Cf A. BROSSET, *Une èglise de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 94 - O companheirismo exprime uma maneira particular, uma dimensão intersubjetiva e constitutiva do ser humano: o "eu" de um sujeito ocorre apenas em relação a um "tu" no fundo o "nós" de uma humanidade comum (tradução do autor).

⁶² Cf *Ibid.* 114 - O testemunho das equipas de capelania hospitalar mostra uma realidade eclesial edificante, entre outros, na partilha de encontros. Para expressar este mesmo sentido, ouvimos expressões "*qualquer visita é sacramento*", "*eu descobri a sacramentalidade do encontro*". Na constituição *Lumen Gentium*, o Concílio

É na relação visitador-doente que nasce o encontro que identifica a Igreja como comunhão eclesial inspirada pelo Espírito Santo.

Agathe Brosset fala de um documento que foi o resultado de uma análise realizada por uma equipa de animação comunitária: AGAPÉ.⁶³ Este grupo é uma equipa de aprendizagem e de interpretação de textos bíblicos, tendo a ajuda de um exegeta. Portugal também possui estas equipas. Embora, não com tanta frequência como o que seria desejado, os chamados grupos bíblicos existem em várias comunidades paroquiais ou nas dioceses e são normalmente orientados pelos párocos, catequistas ou então pelos bispos com o desejo de melhor fazer chegar, ao coração do homem a Palavra de Deus. Na leitura dessa Palavra, o homem encontra o próprio Cristo, a Sua vida e o Seu grande testemunho de Amor para com os mais frágeis da sociedade.

No encontro com Cristo reflete-se, ainda, o encontro na casa do Pai onde “há muitas moradas” (Jo 14, 2). Como afirma Jesus “*Quem me vê, vê o Pai*” (Jo 14, 9). Assim se constrói Igreja e, igualmente se faz caminho com o homem.

Ao colocar em diversas instituições a assistência religiosa, a Igreja pretende oferecer, desse modo, um serviço aos que sofrem, mostrando-lhes o verdadeiro amor de Jesus Cristo. É isso que todos os cristãos, como membros da Igreja são convidados a fazer. Para que o encontro se realize nestas circunstâncias é necessário entrar em sintonia com aquele que sofre, tendo em conta a sua situação, os seus sentimentos, a sua solidão e, porventura, as suas dúvidas e questões de vida ou de fé onde cada equipa de assistência deve dar testemunho da realidade sacramental que se baseia na intimidade de Deus com o homem. Dessa forma demonstrará a dimensão terapêutica da espiritualidade.

Vaticano II opta por desenvolver o "mistério da Igreja" antes de falar sobre o governo da mesma. Ao fazer isso indica que os métodos não devem contradizer a identidade da Igreja como Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo. Enfatiza a dimensão "sacramental" da Igreja como "estar no Cristo, é como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano" (LG1) (tradução do autor).

⁶³Accompagnement des Groupes et Animateurs de Partage d'Évangile (=AGAPÉ).

Os sacramentos da fé tornam-se visíveis nos sacramentos da Igreja.⁶⁴ A sacramentalidade eclesial é um sinal da identidade da Igreja que é comunhão com a Santíssima Trindade.

O homem precisa de identificar, na sua vida, a sacramentalidade da Igreja para que possa percorrer a sua vida de forma confiante.

A relação do discípulo com o seu mestre faz daquele que segue uma autêntica testemunha. No caso das equipas de assistência religiosa, estas são testemunhas pastorais, isto é, novos discípulos de Cristo, testemunhas da Boa Nova e do Reino de Deus implantado no mundo.

Assim como Jesus é sacramento do Pai, a Igreja é sacramento de Cristo. Ela é a grande propagadora da Sua mensagem. Como prega o profeta “*Que formosos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz*” (Is 52, 7).

A Igreja, por ser um lugar de encontro, tem a obrigação de ser um espaço de visitação. Ela deve sair do seu casulo e ir à procura das pessoas. Procurar e visitar são dois dos pilares de importantes do encontro que a comunidade eclesial deve procurar colocar em prática.

Para uma correta atividade pastoral, a Igreja missionária tem de partir pelo mundo fora ao encontro de relações e de oportunidades que aproximem o homem de Deus. Ela tem de ser uma visitadora assídua⁶⁵, principalmente daqueles que se encontram mais frágeis e distantes.

A Igreja tem o dever de reconhecer a sua identidade nas pessoas que a representam. O dever da evangelização começa pelo reconhecimento pastoral das situações desfavoráveis e das pessoas mais afastadas da fé.

A sacramentalidade deve torne-se uma verdadeira revelação do encontro que Deus quer fazer com o homem pela pessoa de Jesus Cristo que,

⁶⁴ Cf *Ibid.* 115 - A dimensão sacramental da Igreja exige que ela se sua identifique na profunda comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em todas as formas da sua inscrição histórica através do tempo e espaço (tradução do autor).

⁶⁵ Cf *Ibid.* 120 - Fazer uma visita é dar testemunho cristão, o qual faz parte da pastoral da saúde ou a capelania prisional. Receber uma visita é, essencialmente, um ministério de hospitalidade. Visitar e ser visitado, cumprimentar e ser cumprimentado, desejar e receber uma saudação de paz e bem-estar ajuda na propagação desse mesmo testemunho eclesial. A Igreja em visitação mostra assim uma Igreja em Missão, uma Igreja em génese, uma Igreja que nasce com as pessoas e para as pessoas em qualquer situação, percebendo que os novos sinais do nascimento de Deus faz com que isso aconteça para todos ao longo da história (tradução do autor).

*“na sua vida mortal, Ele passou fazendo o bem e socorrendo todos os que eram prisioneiros do mal. Ainda, hoje, como bom samaritano, vem ao encontro dos homens atribulados no corpo ou no espírito e derrama sobre as suas feridas o óleo da consolação e o vinho da esperança. Por este dom da vossa graça, também a noite da dor se abre à luz pascal do vosso Filho crucificado e ressuscitado”.*⁶⁶

Face às necessidades de assistência religiosa, por parte daqueles que mais sofrem, os capelães deixaram de ser suficientes. Assim sendo é muito importante e preciosa a ajuda de leigos formados e informados, pela Igreja, que desempenhem essa missão com dedicação e qualidade tal como as instituições o exigem. Neste sentido a assistência religiosa deve procurar defender o valor da dignidade da pessoa e dar-lhe o devido apoio quer a nível moral quer a nível espiritual.

O encontro caracteriza-se pela ação salvífica de Cristo que se torna presente pela pessoa do capelão ou dos assistentes em relação ao sofredor. O encontro é mistério de comunhão entre Deus e o homem, o que significa que o homem participa na Trindade de Deus por intermédio de Cristo pelo do Espírito Santo (Cf LG 4) que é comunicada sacramentalmente.

A Pastoral do Encontro, por ser parte da ação pastoral, como o próprio nome indica, pede que se olhe para a Igreja como uma missão que, através da assistência religiosa, se concretiza como uma missão no alívio daqueles que mais sofrem. O encontro nunca pode deixar de ser um *“serviço à pessoa humana e à sociedade”* (CfL⁶⁷ 36).

Os membros que praticam o encontro através assistência religiosa têm a vantagem de poder escutar o doente. Acompanhar aquele que sofre é, ao mesmo tempo, encontrar, caminhar com ele. E a Igreja no que diz respeito a esta dimensão tem de ir mais longe. A Igreja tem de saber o que se passa no meio do sofrimento e tem de entender aquilo que se passa com o sofredor e o que este sente. A partir deste conhecimento é necessário não só identificar as necessidades de cada um, mas também de as justificar, havendo como objetivo,

⁶⁶ Missal Romano, Prefácio Comum VIII, 379.

⁶⁷ Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (=CfL).

a ajuda de um acompanhamento espiritual mais específico, concreto e personalizado. Esta assistência é um ministério, um serviço prestado a todos aqueles e aquelas que sofrem ou que precisam de uma ajuda de proximidade tanto no crescimento humano como no espiritual. Desta forma o ser humano pode fazer uma experiência de Deus. Todavia não chega a compreensão do sofredor. É importante ser-se capaz de lhe transmitir de uma forma clara e tranquila essa mesma compreensão. É esta a missão do capelão ou do assistente religioso. É este o serviço que a Igreja deve prestar porque foi esta a missão que herdou da sua cabeça, Jesus Cristo.

2.5 Igreja ao serviço do Encontro e do sentido da vida

Sendo que a Igreja nasce do encontro, o que a identifica pastoralmente, ela é conseqüentemente um espaço de comunhão e de serviço, anunciadora da Boa Nova que é o Reino de Deus, tendo deste modo a grande responsabilidade da transmissão da fé ao homem e, também, do caminho vivencial que deve percorrer.

Há uma quantidade inumerável de respostas possíveis para a questão do sentido que a vida tem para cada ser humano. O sentido da vida pode, portanto, ser encontrado naquilo que se faz, no que se vive, nas atitudes que se tomam perante determinadas circunstâncias da vida. Por isto se identifica a verdadeira essência do ser cristão. Ele permite que os planos de Deus sejam revelados na própria vida.

O caminho da vida é, sem dúvida, um problema de difícil formulação e resposta e, perante tal dificuldade, a Igreja como mãe que é deve ocupar-se dos seus filhos seguindo-lhes os passos e dando-lhes a mão nos momentos de maior fraqueza.

Ao longo da sua História, a Igreja talvez pudesse ter feito mais a este respeito. Todavia pode fazer sempre e, cada vez, melhor. Ao acolher cada filho como que do Filho se trate, a Igreja pode devolver a cada um o sentido da vida, por vezes perdido pela solidão, pela

tristeza, pela injustiça, pelo sofrimento, mesmo sem que outros (na comunidade) se interessem por ajudar. Contudo o propósito que Deus tem para a vida do homem é muito maior do que qualquer propósito que o homem queira realizar.

Deus, qual é o meu caminho? Perante tal questão há, apenas, uma resposta: o caminho do Amor. Deus precisa do homem muito mais do que ele imagina, pois é no homem e pelo homem que a Igreja faz caminho e possibilita o encontro com Deus.

O homem não está na Igreja acidentalmente; a Igreja não está na vida do homem por mero acaso. Ambos fazem comunhão, porque foi esse o desígnio de Deus.⁶⁸ Para cada um, Deus tem sempre um propósito, um caminho a percorrer e uma vontade firme de que o homem *alinhe* no desafio que lhe é lançado. Porém, para aceitar tal incitação, o homem tem de ter a consciência de que Deus não lhe dá uma cruz mais pesada do que aquela que ele pode carregar.

O sentido da vida não é encontrado só no descobrir Jesus como Salvador. O sentido real da vida é encontrar Cristo e segui-Lo tal como fizeram os seus discípulos, ao aprender com Ele, ao escutar a sua Palavra, ao estar em comunhão com Ele e com os irmãos.

“A catequese sobre a criação reveste-se duma importância capital. Diz respeito aos próprios fundamentos da vida humana e cristã, [...] «De onde vimos?» «Para onde vamos?» «Qual a nossa origem?» «Qual o nosso fim?» «Donde vem e para onde vai tudo o que existe?» As duas questões, da origem e do fim, são inseparáveis. E são decisivas para o sentido e para a orientação da nossa vida e do nosso proceder” (CIC 282).

A inteligência humana pode conhecer a existência de Deus, acercando-se d’Ele através de um caminho que tem como ponto de partida o mundo criado e o próprio homem, pois o conhecimento de Deus é, também, acessível ao sentido comum como o resultado da

⁶⁸ Cf *Ibid.* 128.

experiência de vida de cada um em relação com a natureza criada, com a gratuidade pelo dom da vida e pelo fundamento do Amor.

A Igreja é, sem base para dúvida, a pedra basilar da vida do homem e da sua orientação existencial. Efetivamente, a vida do homem (cristão) reflete-se na mediação entre Deus (criador) e os seus filhos (criaturas) feita pela pessoa de Jesus Cristo. O reconhecimento de Deus implica, necessariamente, um encontro de proximidade com Ele.

Se a vida fosse um conjunto de consequências naturais e não a consequência de um plano divino, posto em prática pela Igreja, então a vida não teria, verdadeiramente, sentido. O sentido da vida para o homem não lhe foi dado por uma divindade qualquer, mas por um Deus que o ama. Neste seguimento, a Igreja tem o dever de ajudar a pessoa humana a compreender melhor a orientação e as razões da vida à luz da dignidade e dinamismo que o amor fontal de Deus lhe dá. Está aqui a verdadeira gênese da evangelização e do encontro que dão vida à Igreja.

Para uma verdadeira identidade pastoral da Igreja é importante valorizar o muito de bom que se manifesta no dia a dia do homem e, abrir perspectivas para uma vida (relação de encontro) com mais amor, mais fidelidade ao espírito das propostas que haviam sido feitas por Jesus.

A Igreja tem de estar presente na vida da pessoa humana para que lhe possa transmitir os planos que Deus tem para a vida de cada um.⁶⁹ Deus é necessário para o homem, porque o coração do homem só estará saciado quando, realmente encontrar Deus e, por Ele (re)encontrar-se consigo próprio e com os irmãos. É esta, hoje, a grande missão confiada à Igreja: caminhar ao lado do homem, abrindo-lhe, na vida, oportunidades de encontro.

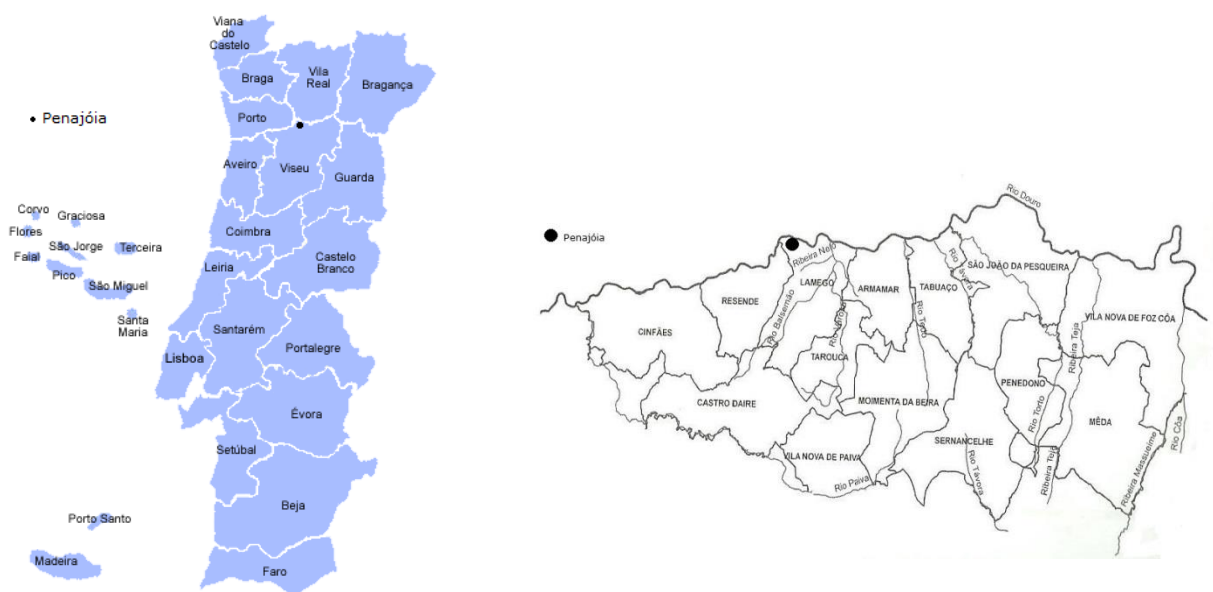
⁶⁹ Cf *Ibid.* 135.

3. Análise das dimensões do Encontro na Paróquia de Santíssimo Salvador de Penajóia

Penajóia, extensa freguesia de serra, vinha e pomares, pedaço de terra linda e fecundo que se estende pela margem esquerda do conhecido rio Douro, delimitada a norte pelo mesmo, a nascente com as freguesias de Cambres e Samodães e a sul com a de Avões. A freguesia de Penajóia é conhecida pela sua enorme riqueza agrícola, sendo a cerejeira a árvore de fruto mais presente e que mais valor dá a esta região.

Freguesia do concelho de Lamego, Penajóia pertence ao distrito de Viseu. Com pároco a tempo inteiro, a paróquia de Santíssimo Salvador de Penajóia é uma das vinte e três paróquias que constituem o Arciprestado de Lamego, da diocese de Lamego.

3.1 Descrição do contexto Paroquial



Mapa da Paróquia – Geografia (País⁷⁰, Diocese⁷¹)

⁷⁰ <http://upload.wikimedia.org>, 24-03-2015, 22h00.

⁷¹ LUCIANO MOREIRA, *O Bispado de Lamego na I República – Os efeitos da Lei da Separação do Estado das Igrejas*, 186.

Sendo um espaço separado por vários povos, a paróquia de Penajóia, tem como consequência pastoral um certo afastamento e diferença no modo como se participa na comunidade paroquial, havendo entre as pessoas uma certa distância quer a nível pessoal quer a nível religioso. Isto leva a que a comunidade não adira, totalmente, às propostas eclesiais.

Faixa Etária (anos)	2001	2011
0-14	183	123
14-24	201	104
25-64	617	550
65 e mais	249	246
Homens	614	447
Mulheres	636	546
Famílias	360	338
População Habitante	1250	1023

Quadro 2 – População⁷²

Importa realçar que a comunidade paroquial não é, ainda, muito envelhecida. Não obstante muita gente partiu para o início de uma nova vida quer por razões académicas quer pela falta de trabalho local. A porção mais jovem procura longe a resolução dos seus sonhos e projetos.

As famílias existentes são as denominadas famílias tradicionais, compostas pelo casal (homem e mulher), com a sua prole (1 ou 2 filhos em média).

3.2 A Paróquia: espaço de Encontro

Numa comunidade paroquial, o encontro deve ser identificado através da presença, do acolhimento, da atenção ao outro, da sinceridade e da autenticidade entre todos os membros da comunidade. A paróquia é a família dos irmãos em Cristo, que vivem num determinado espaço, tendo como pastor o pároco e, sendo um espaço privilegiado para dar uma resposta às necessidades de cada um. A paróquia deve ser uma comunidade de vida, de trabalho e de fé (Cf CfL 26).

⁷² <http://censos.ine.pt>, 25-03-2015, 22h00.

A relação pessoal tem no encontro a sua máxima expressão. Na paróquia de Santíssimo Salvador de Penajóia, o encontro dá-se pela vivência e pela comunhão através das quais Deus se revela em todos aqueles e aquelas que passem por maiores dificuldades ou sofrimentos nas suas vidas.

Na paróquia, a porção mais pequena da divisão territorial da Igreja⁷³, cada membro nasce pelo batismo para ser parte integrante da comunidade que é a Igreja de Cristo, a habitação do Espírito Santo. É na paróquia que está o coração da Igreja através da Palavra de Deus e dos Sacramentos que fazem crescer o homem na intimidade divina.

A paróquia não é apenas a quantificação de pessoas. Ela é um verdadeiro organismo vivo e divino guiado pelo Espírito Santo. Esta é a célula viva da comunidade eclesial, tornando-se na sua essência, oportunidade de encontro entre Jesus Cristo e todos os batizados que têm Cristo como modelo. A paróquia é um espaço e uma oportunidade onde Ele pode manifestar-se mediante o encontro pastoral. É na comunidade paroquial que o encontro deve desempenhar o seu papel. A Igreja universal reflete-se na paróquia através do diálogo, da escuta, do encontro, do acolhimento com vista à evangelização. Neste sentido, Penajóia não é exceção.

A paróquia não se caracteriza por ser um amontoado de exigências e imposições, mas sim por ser um espaço de oportunidades, sendo nestas, que se vive a verdadeira relação, o verdadeiro encontro com Cristo e com os irmãos.



Mapa do espaço Paroquial

⁷³ Cf Código de Direito Canónico, c 515.

Ao analisar o enorme quadrado (mais de 10 quilómetros quadrados de superfície) que forma a paróquia, pode ver-se⁷⁴ que os principais lugares de culto estão, estrategicamente, situados: a norte existe a capela de Nossa Senhora da Ajuda, situada no lugar do Moledo; a sul existe a igreja de Santíssimo Salvador⁷⁵, também conhecida como igreja velha, a nascente a capela de Nossa Senhora da Encarnação, no lugar de S. Geão; a poente a capela de Nossa Senhora da Piedade, construída no lugar de Valclaro. No centro geográfico da paróquia destaca-se, de há 59 anos para cá, a nova igreja paroquial, no lugar de Molães, onde alguns metros mais acima existe, também, a capela dedicada ao Mártir S. Sebastião.

Entre a capela de Valclaro e a igreja de Santíssimo Salvador está, ainda, a capela de Santo António.

É importante deixar algumas referências históricas sobre a paróquia de Penajóia e das suas gentes. Todavia há, também, a necessidade de deixar registadas algumas linhas que falem do seu presente.

O mais importante de uma paróquia são, sempre, as pessoas que a constituem, que lhe dão corpo e voz no decorrer dos tempos.

Quem conhece as terras de Penajóia não pode deixar de admirar as suas gentes tratando-se de um povo de trabalho e de vida dura. Porém, o excesso de trabalho nunca foi justificação para deixar de praticar a fé. Os vários lugares de culto existentes são o espelho da crença desta gente e, apenas o contacto com esta comunidade dá a possibilidade de ver a sua alma crente.

A existência dos muitos espaços de culto, os três cemitérios, as diversas *Alminhas* e os dois cruzeiros podem ser entendidos como fatores que levam à distância geográfica da comunidade. Se tal realidade foi intensamente sentida e vivida num passado não muito longínquo, é verdade que com a melhoria dos meios e vias de comunicação, bem como a mobilidade humana vieram alterar, significativamente, a realidade.

⁷⁴ Cf Mapa do espaço Paroquial.

⁷⁵ Igreja matriz dedicada ao Padroeiro da paróquia.

3.2.1 “Mestre onde moras? Vinde e Vede”⁷⁶ Grupos paroquiais e Movimentos

A paróquia de Santíssimo Salvador de Penajóia vive e celebra, em comum, a fé de quem nela vive.

A comunidade paroquial não é prejudicada, jamais, pela presença dos vários grupos que tentam dar resposta às necessidades da comunidade. Cada grupo encontra, na paróquia, a sua própria existência no serviço que presta aos irmãos (Cf CfL 27).

A presença do Escutismo (CNE), nesta comunidade, concretiza-se através do agrupamento 906 uma realidade que vem já do final dos anos oitenta e que ao longo dos últimos anos tem vindo a contribuir na formação de muitos jovens desta terra.

Apesar dos poucos meios disponíveis, as atividades vão-se concretizando e a presença juvenil, embora menor, vai sendo uma realidade.

A transmissão de valores e princípios humanos e cristãos é uma constante e, por isso observa-se a presença escutista em atos litúrgicos e de formação paroquiais.

O Concílio Vaticano II convidou a Igreja a dar mais destaque à participação alargada dos membros da comunidade cristã e a encontrar formas organizadas de participação.

Neste sentido, a comunidade paroquial de Penajóia procura formar diversos grupos com a missão de prestar serviços de comunhão e partilha: os Leitores dão voz aos textos sagrados proclamados nas mais diversas celebrações litúrgicas; os Acólitos ajudam no serviço do Altar; os Ministros Extraordinários da Comunhão levam a Sagrada Comunhão aos doentes e idosos e o Grupo Coral auxilia na celebração com os cânticos apropriados a cada celebração para dar mais beleza à Liturgia. Em todos estes casos prevalece a boa vontade de cada um.

Ao longo da História da Igreja, como resposta às necessidades de cada tempo, foram aparecendo alguns grupos e movimentos que, ainda hoje, continuam a ser peças importantes do presente que se vive.

⁷⁶ Jo 1, 38.

A Ação Católica Rural perdeu força e visibilidade nesta comunidade paroquial. No entanto, os membros que lhe pertenceram não deixaram de ser cristãos empenhados. A formação recebida continua a dar muitos frutos que vão passando de geração em geração.

O Apostolado da Oração foi motivado por uma vontade e esforço de renovação da Igreja, através da oração, do sacrifício e da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Os seus Associados são quase todos os residentes da paróquia, atendendo a que a entrada de cada membro é realizada a partir da Primeira Comunhão. Os Zeladores têm a missão de acompanhar mais de perto de um determinado número de Associados, fazendo-lhes chegar a *folhinha* mensal. Também, na primeira sexta-feira de cada mês, se celebra na paróquia a Eucaristia que recorda todos os Associados vivos e defuntos. Anualmente concretiza-se a festa em honra do Sagrado Coração de Jesus.⁷⁷

O MMF⁷⁸ marca a comunidade de Penajóia por uma forte espiritualidade mariana. Maria é uma presença constante nas capelas a ela dedicadas, nas festas organizadas em sua honra, na oração do terço e nas diversas invocações com que é saudada. O Movimento, bastante implantado na diocese de Lamego, é uma realidade muito divulgada na paróquia de Santíssimo Salvador de Penajóia. Mensalmente são distribuídos 196 jornais⁷⁹ o que comprova a adesão e a vontade de valorizar a espiritualidade de Maria como oportunidade de encontro entre o homem e Jesus Cristo através da mediação de Nossa Senhora.

A fé do povo, a prática religiosa, o exemplo da família e dos pastores dedicados, o incentivo dos catequistas e o testemunho da comunidade ajudam ao despontar de vocações (Cf CfL 45). A paróquia de Penajóia não é exceção.

Neste momento, na comunidade paroquial de Santíssimo Salvador existem cinco sacerdotes, um diácono, um seminarista, sete religiosas e um religioso.

⁷⁷ Na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus estabelecida pelo Diretório Litúrgico.

⁷⁸ Movimento da Mensagem de Fátima.

⁷⁹ Jornal "Voz da Fátima".

3.2.1.1 Irmandades

A paróquia é um espaço formado por grupos, associações de fiéis leigos, irmandades, movimentos, etc. Possuidoras de um projeto inicial, as Irmandades de Santíssimo Salvador e de Nossa Senhora da Encarnação, ao longos dos anos foram perdendo alguns dos seus objetivos iniciais, caindo num certo esquecimento, embora inconscientemente. Todavia transmitem a imagem de instituições inseridas na comunidade cristã.

O homem está capacitado, também, para admirar e preservar o que os outros deixam de bom, sendo sempre necessária muita ousadia para propor um projeto, muita coragem para não desistir, muita perseverança para obter os meios necessários à caridade, muito entusiasmo para a todos contagiar e motivar, muita colaboração para chegar ao fim. Atualmente, em tudo isto as Irmandades da paróquia de Penajóia têm mostrado empenho.

É bom salientar que o mais importante de uma Irmandade são sempre as pessoas que a formam, as pedras vivas que lhe dão corpo, vez e voz neste tempo que passa. A vida dura não tornou as pessoas agrestes e o muito trabalho nunca foi desculpa para descurar a prática da fé e a transmissão de uma cultura marcada pelos valores e princípios morais nos quais ambas as Irmandades também apostam. É neste sentido que cada um dos Irmãos encontra na comunidade a sua possibilidade de existir e, de fazer encontro no serviço aos irmãos.

Sem poder fazer uma referência precisa de quantos se dedicaram inteiramente a estas Irmandades ao longo da história desta paróquia, importa dar graças por todos aqueles e aquelas que dela fizeram e fazem parte.⁸⁰

Dizer Igreja é fazer referência a uma assembleia de homens e mulheres livres que se sentem convocados a seguirem Jesus Cristo. Mas a Igreja procura chegar também aos que ainda não conhecem o Mestre. A paróquia faz parte dos meios que a Igreja tem para atualizar

⁸⁰ Não há a possibilidade de fazer uma referência precisa do número de Irmãos, uma vez que nos arquivos das Irmandades de Santíssimo Salvador e de Nossa Senhora da Encarnação faltam alguns dos livros de registo dos Irmãos das referidas Irmandades. Apenas a partir de 1950 aparecem registos escritos, devidamente ordenados, até à atualidade.

e localizar esse convite de Cristo a todos. Ela existe para cumprir um anúncio da Palavra, uma responsabilidade de oração e de celebração, uma preocupação em praticar o que acredita e celebra. É no cumprimento desta missão que a paróquia concretiza localmente a Igreja. Aqui as Irmandades, como instituições paroquiais, também não foge à regra.

Em 1958 falava-se da existência de duas Irmandades na paróquia de Penajóia: a de S. José e a de Santíssimo Salvador.⁸¹ Relativamente à primeira não se sabem muitos dados, embora se confirme a tradição de, a partir de 1720, se celebrar a novena de S. José, “*com músicas, práticas e sermões, havendo muitas ofertas de cera e muito povo em dia de festa*”.⁸²

A Irmandade de Santíssimo Salvador ainda existe e cumpre o que está definido como obrigações estatutárias. Desta Irmandade conserva-se o manuscrito de 1788, no qual se consignam os Estatutos da mesma àquela época. Contudo, faz-se alusão a uns Estatutos anteriores, o que dá a ideia da sua antiguidade.

A atual renovação dos Estatutos concluiu-se em 2009.⁸³ Segundo o parecer da Assembleia de Irmãos, o observar das disposições existentes e próprias desta Irmandade e a adaptação à lei da Igreja contribuíram para a sua redação final, apresentada ao senhor Bispo de Lamego⁸⁴ para aprovação. Das obrigações da Irmandade fazem parte o “*sufrágio dos Irmãos defuntos, um Jubileu quaresmal na 2ª segunda-feira da Quaresma e a celebração da festa em honra do Santíssimo Salvador, padroeiro da paróquia que se realiza no dia 6 de Agosto de cada ano*”.⁸⁵ O Jubileu é antecedido de três dias de pregação e de um tempo para o Sacramento da Reconciliação.

A ligeira diminuição da população residente na paróquia, mas principalmente a menor sensibilidade para o tema da morte e o sufrágio das almas são a causa para a diminuição do

⁸¹ Cf Memórias Paroquiais de 1958.

⁸² Memórias Paroquiais de 1958.

⁸³ Os novos Estatutos foram revistos de acordo com a lei para as Associações de Fiéis – *Normas Gerais para a Regulamentação das Associações de Fiéis (1988) e nos câns. 164-179 do Código de Direito Canónico.*

⁸⁴ D. Jacinto Tomás de Carvalho Botelho.

⁸⁵ Estatutos da Irmandade de Santíssimo Salvador.

número de Irmãos. Atualmente, a Irmandade continua a cumprir os deveres estatutários e a ser uma referência de encontro e evangelização para as gentes da Penajóia.

Ano	Irmãos Inscritos
1950-1960	945
1975-2000	347
2000-2010	214
2010-2015	143
Total	1649

Ano	Irmãos Inscritos
1950-1970	37
1970-1980	24
1980-1990	17
1990-2000	8
2000-2015	4
Total	90

Quadro 3 – Irmandade de Santíssimo Salvador⁸⁶ Quadro 4 – Irmandade de Nossa Senhora da Encarnação⁸⁷

Uma outra Irmandade é a Irmandade de Nossa Senhora da Encarnação com sede na capela de Nossa Senhora da Encarnação. Conserva-se o registo manuscrito dos seus estatutos datado de 1787. No entanto, desconhece-se o seu início.

Quanto às obrigações estatutárias, a Irmandade tem o dever de “*sufragar os Irmãos defuntos, realizar o Jubileu anual em 25 de Março, dia em que se celebra a Solenidade da Anunciação do Senhor*”.⁸⁸

À semelhança da Irmandade de Santíssimo Salvador, a Irmandade de Nossa Senhora da Encarnação antecipa o Jubileu de dois dias de pregação e de um tempo para o Sacramento da Reconciliação, sendo celebrada a Eucaristia, no dia 25 de março, à qual se segue uma procissão pelos caminhos dos povos de S. Geão e Torre com a imagem de Nossa Senhora.

3.2.2 Serviços Pastorais: Catequese e Evangelização

A catequese tem de ser entendida dentro do processo total de evangelização. Assim, ela, desempenha um papel crucial, no seio da missão evangelizadora da Igreja. Nesta perspetiva a missão evangelizadora, enquanto processo dinâmico, define-se por etapas ou fases, distintas,

⁸⁶ Livros de registos da Irmandade de Santíssimo Salvador.

⁸⁷ Livros de registos da Irmandade de Nossa Senhora da Encarnação.

⁸⁸ Estatutos da Irmandade de Nossa Senhora da Encarnação.

progressivas e complementares: a ação missionária para com os crentes; a ação catecumenal para com os recém-convertidos e a ação pastoral para com os fiéis da comunidade cristã.

A catequese é, na verdade, um momento, um período de ensino e, assim, de amadurecimento do cristão na fé. Com efeito, a catequese é a fase de ensino que favorece, de modo eminente, a maturação do cristão (Cf DGC 61) que, depois de ter aceitado pela fé a Pessoa de Jesus Cristo como único Senhor, mediante uma sincera conversão de coração, se esforça por melhor conhecer O mesmo Jesus Cristo, ao qual se entregou.

“A catequese, «distinta do primeiro anúncio do Evangelho» promove e faz amadurecer esta conversão inicial, educando a fé do convertido e inserindo-o na comunidade cristã”.

Neste sentido, a catequese é uma tarefa necessária e primordial no seio da missão evangelizadora da Igreja, pois sem ela a ação missionária não teria continuidade nem se tornaria fecunda. Sem a catequese e sem a evangelização a atividade pastoral de uma comunidade paroquial, como Penajóia, não seria profunda, mas algo superficial e, por conseguinte, frágil e inconsequente.

A paróquia de Penajóia tem uma catequese organizada. Não havendo um espaço próprio de formação, os catequisandos e catequistas distribuem-se pelos espaços disponíveis tanto da igreja como da residência paroquial. Atualmente a formação catequética está organizada até ao 10º ano com crianças em todos os anos.

A catequese chega a cerca de setenta crianças e adolescentes, todos residentes na paróquia, havendo, em média, dois catequistas por cada ano, embora na sua maioria não tenham qualquer tipo de formação catequética de base.

Devido a outros tipos de atividades, como o desporto ou os passeios de fim-de-semana, os catequisandos demonstram um certo desinteresse pela aprendizagem doutrinal e, até, pela prática religiosa. Também em época de colheitas (da cereja e da uva) é visível uma diminuição na frequência à catequese, pelo facto de que os pais não prescindem dos seus

trabalhos para levarem os filhos à Igreja, tornando-se cada vez mais difícil chegar a todos de um modo eficaz.

Por muito grande que seja o esforço do pároco e dos catequistas, sem a ajuda e interesse dos pais, é bastante difícil a catequese cumprir, eficazmente, a sua missão.

Depois de apresentada a realidade catequética da paróquia de Penajóia será importante referir que, dentro do processo dinâmico que é a evangelização, não se pode confundir a atividade missionária (dirigida aos não crentes) e atividade pastoral (dirigida aos crentes). A catequese situa-se entre estas duas fases da evangelização e, por isso, é que é um possível meio de encontro entre o homem e Deus entre o homem e o seu próximo. A catequese que “*é um dos momentos mais importantes de todo o processo de evangelização*” (DGC 63) tem um carácter próprio, uma vez que se segue à ação missionária e prepara a ação pastoral da comunidade levando-a a um encontro entre a humanidade e a divindade. Por isto se diz que “*o momento da catequese é aquele que corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para essa primeira adesão*” (DGC 63). A catequese “*é, assim, um elemento fundamental e está estreitamente ligada aos sacramentos de iniciação, de modo particular ao Baptismo, «sacramento da fé»*” (DGC 66).

3.2.2.1 Liturgia, Oração e Serviços de Caridade

A paróquia de Santíssimo Salvador tem muitas possibilidades de expressar e viver, ativamente, a sua fé. Diariamente é celebrada a Eucaristia na igreja paroquial, embora com pouca participação da comunidade e por cada fim-de-semana são celebradas quatro Eucaristias nos diversos povos da freguesia.

Nunca esquecer que o gesto central da Eucaristia é, desde sempre, aquele que foi escolhido por Jesus: partir do pão da fraternidade e partilhar o cálice do vinho, símbolo da partilha da vida e da dor, no âmbito da bênção dirigida por Deus. A Eucaristia é encontro em que a Igreja

inteira exprime a sua unidade e a sua diversidade de dons e de serviços, tudo enriquecido pela ação do Espírito.⁸⁹

Mensalmente é realizada a Adoração do Santíssimo Sacramento, no primeiro Domingo de cada mês, devoção que está à responsabilidade do Apostolado da Oração, umas vezes orientada pelo pároco e outras por um dos Associados.

A devoção a Maria também se celebra nesta comunidade pela oração do Terço de uma forma mais participativa nos meses de maio, junho e outubro.

Importa referir que as festas da catequese, funerais, missa de Natal, Páscoa e festa do Padroeiro⁹⁰ são os momentos de maior participação da comunidade. Mas não se pode esquecer de que a vocação na fé e na vida cristã, aquela que é dada pelo sacramento do Batismo é antes de tudo o amor derramado no coração do homem pelo Espírito (Cf Rom 5,5) para ser vivido fielmente na presença de Deus (Cf Cl 3,3).

Enxertado em Cristo como um ramo na vide, o batizado é capaz de oferecer-se a si mesmo como “*vítima viva, santa e agradável a Deus*” (Cf Rom 12,1) para dar testemunho do Senhor em todas as coisas e dar razão da sua esperança (Cf 1 Pe 3,15). Procurar através do CPB⁹¹ unir no mesmo encontro de preparação os pais, padrinhos, familiares e comunidade cristã, para que mais tarde, na caminhada de catequese possa existir uma força maior para a vivência da fé. E assim, o sacramento do Crisma, depois de uma vivência de toda uma iniciação cristã, seja fortificado pelo dom de Deus, para que o crismando se torne capaz de crer, esperar e amar, para além da sua fraqueza, aprendendo a agir na comunhão de toda a Igreja como testemunha que deseja comunicar a todos a beleza de Jesus Cristo.

No seio de toda esta caminhada a mesma é fortalecida pelo sacramento do perdão divino, que é oferecido em Jesus e transmitido mediante o ministro da Igreja. Assim é oferecido ao

⁸⁹ Cf B. FORTE, *Introducción a los Sacramentos*, 58-60.

⁹⁰ Festa da Transfiguração do Senhor (6 de agosto).

⁹¹ Curso de Preparação para o Batismo.

cristão o rosto de um Deus que conhece como ninguém a condição humana e se aproxima de cada um com um eterno amor.

Num percurso das etapas da vida, o sacramento do matrimônio é a aliança definitiva entre um homem e uma mulher, aliança abençoada em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, diante da Igreja. Uma preparação consciente do sacramento é uma tarefa pastoral de toda a comunidade para que a vida matrimonial possa ser alimentada na fonte do amor eterno.

Quem crê em Cristo sabe que o significado da dor e da libertação do mal é oferecida na sua cruz: “*É nisto que está o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu filho como vítima de expiação pelos nossos pecados*” (1Jo 4,10). A cruz revela o Pai na fonte do seu maior dom, no sofrimento. E mediante o sacramento da santa unção há uma proximidade divina ao próprio sofrimento humano.

A comunidade paroquial necessita de valorizar esta presença, individualmente ou comunitariamente, não esquecendo nunca de que a unção sacramental realiza o encontro da Trindade com a doença e o sofrimento humano, ajudando cada um a viver a experiência da doença como uma verdadeira oferta de amor ao Pai.

Numa paróquia tem de existir sacramentalidade, pois sem sacramentalidade não há encontro. A melhor forma de existir sacramentalidade é ser sinal de Graça.⁹² Este sinal tem a sua concretização mais plena no encontro que leva o homem até Deus e faz com que Deus chegue até ao coração do homem.⁹³

A comunidade paroquial de Penajóia tem várias formas de poder participar deste encontro com Deus e com o próximo, basta que para isso cada um tenha a consciência de se aproximar das diversas pontes disponíveis para alcançar tal relação, de modo a que a comunidade seja sempre um sinal de ação viva e contínua de Jesus Cristo. A comunidade cresce, assim, em credibilidade tornando-se um lugar apazível para os homens e mulheres deste tempo que são

⁹² Cf A. BROSSET, *Une église de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 114.

⁹³ Cf K. RAHNER, *Traité Fondamental de la Foi*, 472-475.

testemunhas da verdade, fermento de liberdade, promotores de justiça, fazendo da paróquia uma casa para os pobres e para os que sofrem.

A ação sócio-caritativa (Cf Cfl 41) da paróquia de Penajóia ao longo dos últimos anos tem sido desempenhada pela Conferência de S. Vicente de Paulo. Os seus membros têm estado atentos ao que se passa na comunidade e procuram agir quando surgem oportunidades e quando se apercebem que a sua ação será benéfica para os seus destinatários.

Através deste Movimento passa muito do que a paróquia organiza e concretiza em matéria de ação social e caritativa, estando também em ligação com outros Movimentos diocesanos que se destacam neste campo, nomeadamente com a Cáritas Diocesana.

Neste Movimento concretiza-se a afirmação que “*o bem não faz barulho*”.⁹⁴ A caridade não faz publicidade daquilo que realiza, apenas se limita a agir em favor do próximo.

3.2.2.2 Agentes de Pastoral e estruturas de participação e decisão

Em qualquer prática assentam as relações humanas. A prática pastoral de uma comunidade paroquial como a de Santíssimo Salvador, também é assim. Nesta prática nunca se pode descurar o papel dos agentes pastorais.⁹⁵

Na paróquia de Penajóia há um sacerdote que habita na residência paroquial e presta serviço à comunidade a tempo inteiro.

Não se entende o encontro, como prática pastoral, com uma atitude pastoral passiva. O encontro pratica-se na procura da comunidade. O encontro está, essencialmente sob a responsabilidade dos vários agentes pastorais e dos diversos serviços eclesiais.

⁹⁴ Ditado Popular “O barulho não faz bem e o bem não faz barulho”.

⁹⁵ Conselho Pastoral, Conselho Económico, Ministros Extraordinários da Comunhão, Leitores, Cantores, Acólitos, Jovens e Catequistas.

Ao fazer referência aos agentes desta prática pastoral (do encontro) já se inclui, também, a preocupação de uma vivência no serviço e na alegria da mensagem do amor cristão que se pretende transmitir a toda a paróquia.

Problemas de solidão, de fé, dificuldades afetivas vindas, por vezes, do seio familiar são da competência quase exclusiva do pároco. Todavia há outras pessoas que colaboram com o sacerdote e que, até têm bastante aceitação aos olhos da comunidade. O encontro que aqui se pratica, parte da escuta e dos serviços como já se frisou anteriormente. Todo o campo eclesial que é abrangido por estes serviços revela uma vivência clara do encontro. A paróquia de Santíssimo Salvador de Penajóia é vista como uma comunidade unida que procura viver e acolher à maneira de Jesus Cristo. Neste sentido, a comunidade procura ser oportunidade de encontro entre todos e para todos através da disponibilidade, da abertura pessoal e tolerante, da responsabilidade, sendo isto um sinal do amor de Deus e do amor concretizado na atitude de querer ser oportunidade de uma relação humana, tentando resolver os problemas dos irmãos e servir aqueles que de mais auxílio precisam.

A comunidade paroquial conta com um excelente número de agentes pastorais que mostram o rosto e assumem uma postura de organização, juntamente com o pároco, sendo que em comunidade todos se devam esforçar por criar oportunidades de encontro seja a nível comunitário (movimentos, serviços sociais, catequese, Irmandades) seja a um nível mais pessoal (famílias, oração familiar).

Das estruturas de participação e decisão destaca-se a existência do Conselho Económico, uma exigência das leis da Igreja. O Código de Direito Canónico de 1983 assim o aconselha.⁹⁶

O atual Conselho Económico da paróquia de Santíssimo Salvador é formado por membros residentes na freguesia. No decorrer dos últimos anos, o Conselho tem estado atento às necessidades comunitárias e em conformidade com as mesmas.

⁹⁶ Cf Código de Direito Canónico, c 537.

A vida de uma paróquia é a vida dos cristãos que dela participam. São estes que a formam e fazem existir. O objetivo primeiro de uma comunidade paroquial é atualizar. A atualização deve ser realizada o mais próximo possível das gentes. Assim se faz encontro um encontro atual onde são precisas propostas, pessoas e meios para concretizar a vida da comunidade cristã. Para tais propostas de renovação existe um Conselho Pastoral que se justifica pela necessidade de uma maior evangelização e pela urgência de criar a unidade na diversidade.⁹⁷ Na sua essência, trata-se de experimentar a realidade de comunhão que a Igreja é.

3.2.2.3 Meios de Comunicação Social

Os MCS⁹⁸ são caminhos de acesso rápido dentro do mundo, tornando-se peças fundamentais para o encontro e para a nova evangelização que tanto se fala no século XXI. Estes têm alcançado uma tal importância que para muitas pessoas são o principal instrumento informativo e formativo, de inspiração e de orientação para os comportamentos relacionais quer a nível pessoal quer a nível social. As novas gerações crescem num mundo condicionado por estes meios. O homem vive num tempo global, no entanto não deixa de viver no seu espaço e lugar específicos.

A Igreja não pode deixar de se associar a estes meios que, embora globais, não deixam de ser meios de encontro, de partilha e de proximidade. A Igreja tem de estar *online* e tem de marcar a sua presença também através destes meios. Porém não basta usar os MCS para difundir a mensagem cristã. É preciso ir, do mesmo modo, ao encontro das pessoas para que se lhes possa falar dessa mensagem de uma forma mais próxima, olhos nos olhos, coração a coração.

A comunidade eclesial tem de ser um *software* de partilha e comunhão que crie oportunidades de encontro aos homens e mulheres deste tempo.

⁹⁷ Cf *Ibid.* c 536.

⁹⁸ Meios de Comunicação Social (=MCS).

A Igreja tem de ser um *Facebook*, ligado em rede, para a humanidade, ao qual todos se associem na amizade eclesial.

Há comunidades paroquiais que estão conscientes de todo o processo tecnológico e a paróquia de Santíssimo Salvador de Penajóia não é exceção.

A nível de comunicações esta comunidade dispõe do *Ecos de Penajóia* desde 1968, um jornal mensal, com uma tiragem de oitocentos exemplares, no qual constam os relatos das atividades que se vão desenvolvendo ao longo de cada mês e, ainda, *Ser Igreja na Penajóia* é um boletim, também mensal, com início no ano 2000, realizado pelo pároco a partir de pequenas reflexões sobre temas específicos e com as datas do serviço pastoral, para cada mês, a realizar na paróquia.

Tanto o jornal como o boletim são uma preciosa ajuda para que a paróquia vá ao encontro de todos aqueles e aquelas que não expressam tão ativamente a sua fé.

Sobre este assunto e, num seguimento de comunhão eclesial, importa realçar que esta comunidade é assinante de vários jornais⁹⁹ e revistas¹⁰⁰ nacionais e que estão ao serviço da evangelização e da transmissão da fé.

É indubitável que os MCS são espaços que podem aproximar o homem do encontro. A cultura digital apresenta hoje vários desafios quer na linguagem quer no pensamento teológico e pastoral. As novas tecnologias não mudam apenas a forma de comunicar, mas também alteram culturalmente a forma de ser. É necessário que a Igreja esteja atenta a estas mudanças sociais. Os MCS oferecem ao homem múltiplas possibilidades para a transmissão da fé, porém há também limites e desafios dos quais se deve ter consciência.

Ao proclamar a verdade do Evangelho, a Igreja usa termos que, por vezes, são incompreensíveis. Por seu lado, os MCS mostram um tipo de comunicação mais interativa, mais aberta ao diálogo. Isto é importante, porque antes de oferecer as respostas é preciso

⁹⁹ Voz de Lamego, Voz Portucalense, Clarim, Bretenando, Notícias de Beja, Franciscanos, Fozcoense.

¹⁰⁰ Audácia, Além Mar, Boa Nova, Cruzada, Bíblica, Magnificat, Mensageiro, Catequética, Arautos do Evangelho, Mundo Rural, Família Cristã, Pneuma, Fátima Missionária, Flor de Lis.

decifrar as perguntas que as pessoas possam colocar. Contudo, a interatividade dos MCS podem ajudar na comunhão eclesial, na proximidade das pessoas, no encontro e na evangelização deste mundo que, por vezes, parece perdido.¹⁰¹

“Um olhar ao redor evidencia que os instrumentos de comunicação não são apenas meros instrumentos, mas uma autêntica expressão cultural. (...) estamos perante um universo de pensamentos e tecnologias com notabilíssimas potencialidades que, neste momento, talvez, sejam conhecidas e utilizadas só parcialmente. Tanto para o bem como para o mal, sob qualquer aspeto com que se olhe, estamos perante um areópago moderno ao qual o cristão não pode permanecer estranho. A linguagem (...) através das novas formas de comunicação merece ser conhecida, estudada e, na medida do possível, utilizada sem atraiçoar a mensagem de que somos portadores, em vista de uma clara e efetiva compreensão do nosso anúncio.”¹⁰²

A mensagem cristã é sempre uma Boa Nova, portanto tem que ser apresentada de um modo positivo e impactante. O verdadeiro testemunho é aquele que mostra o caminho da verdadeira felicidade. A paróquia de Penajóia tem-se esforçado, neste sentido, na procura deste caminho.

3.3 Relação paróquia-diocese

Falar de Igreja é falar de homens e mulheres livres que se sentem chamados a seguir Jesus Cristo. Ela existe para cumprir o anúncio da Palavra, uma responsabilidade de oração e de celebração, uma preocupação em praticar aquilo em que acredita e celebra. É no cumprimento desta missão que a comunidade paroquial em relação com a diocese concretiza, localmente, a Igreja.

¹⁰¹ Cf R. FISICHELLA, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*, 88-90.

¹⁰² *Ibid.* 88-89.

A diocese é a família construída por todas as paróquias existentes em determinado espaço e tem como pastor o bispo para as ensinar, santificar e governar (Cf LG 25-27).

A diocese é portanto, o centro da unidade, do encontro e da vida cristã nas paróquias que a constituem. Sem ela as paróquias tornar-se-iam cadáveres, isto é, sem a diocese não existia o bispo, sem o bispo não existiam sacerdotes, sem sacerdotes não haveria párocos e sem párocos a fé em Cristo e na Igreja deixaria de existir.

A paróquia e a diocese constroem uma só família. Ambas estão ao mesmo serviço o serviço da evangelização (Cf Cfl 26) e do encontro.

Nos últimos anos, as comunidades cristãs da diocese de Lamego têm ido ao encontro de todos envolvendo cada um na tomada de consciência do seu próprio valor, dignidade e missão.

A ação pastoral diocesana tenta ser, cada vez mais, dirigida a todos seja qual for a situação religiosa ou moral de cada um, independentemente da condição económica, social e cultural. Só assim se pode construir, verdadeiramente, a família de Deus à luz da Boa-Nova de Jesus Cristo.

A paróquia existe na diocese. Esta, por sua vez, existe para a paróquia e para ajudar no percurso pastoral paroquial.

Em cada ano, a diocese de Lamego apresenta novas propostas e oportunidades de encontro entre o homem e Deus. Através do Plano Pastoral Diocesano, embora não muito acolhido em algumas comunidades, é uma preciosa ajuda que pode facilitar o encontro com Deus e com o irmão e a fazer uma verdadeira evangelização.

A paróquia, bem como a diocese, não podem desprezar o IDE (Cf, Mt 28, 19) de Jesus que, por um lado contempla a dinâmica evangelizadora de ir ao encontro de todos numa intenção de primeiro anúncio e, por outro, a vertente de aprofundar a catequese e a doutrina para todos aqueles que desejam aprofundar as razões de viver à luz da fé.

A Igreja só se concretizará verdadeiramente, quando fizer do homem um ser feliz, disposto a viver numa atitude de diálogo, de escuta, de acolhimento, de partilha, de comunhão e de encontro com Deus e com o irmão. Até atingir este objetivo pode levar algum tempo, mas não é uma missão impossível. É preciso que o homem esteja disposto a abrir as portas do seu coração e saiba fazer dele uma habitação permanente do Espírito Santo.

O facto de o encontro despertar, naturalmente, um entusiasmo não só nos que saem ao encontro, mas também nos que se deixam encontrar, não poderá limitar-se a uma iniciativa informal ou acidental de uma ou outra comunidade paroquial.

A evangelização tem duas vertentes essenciais: a estratégia da fé e a estratégia humana. Ambas se implicam uma na outra, pois a Encarnação de Deus não diminui a sua natureza, mas potencia-a para realizar e concretizar o desejo salvífico de Deus Pai em Jesus Cristo. Cada homem deve desenvolver as suas capacidades ao nível afetivo, intelectual e espiritual, possuindo uma capacidade de agir sempre com discernimento e capacidade, sobretudo na sensibilização aos problemas dos outros. Saber colocar em prática estes conhecimentos é ser testemunha viva da mensagem cristã.

Na relação paróquia-diocese (Cf CfL 26-30) nunca poderá faltar a lei do amor, como forma de concretização do seguimento de Cristo. O testemunho de cada cristão é a melhor forma de este se dar a conhecer, devendo agir em tudo como o Mestre e, sobretudo saber ir ao encontro dos outros tal como Ele foi. A busca de um sentido para a vida é, sem dúvida, o resultado do encontro com o Senhor Jesus. Só assim se vive a fé. Só assim se pode evangelizar. Só assim o homem se pode relacionar. Só assim é que a comunidade tem sentido dentro da diocese. Só assim é que a diocese tem sentido na Igreja universal. Só assim se pode afirmar que o encontro é sacramento da Igreja instituído por Cristo para salvação da humanidade.¹⁰³

¹⁰³ Cf R. BERZONA, - Gerardo, GALETTO, *Hablemos de Nueva Evangelización. Para que sea nueva e evangelizadora*, 93-94.

3.4 Um olhar futuro

O facto de o encontro despertar um entusiasmo natural, não só nos que são encontrados como naqueles que saem ao encontro, não poderá limitar-se a uma iniciativa informal ou de acaso, mas é necessária uma formação dos agentes responsáveis na paróquia pela prática do encontro.

A evangelização para lá de uma estratégia de fé tem de ter em conta uma estratégia humana, formas e meios de alcançar cada grupo e cada pessoa. Ambas as estratégias implicam uma participação no Mistério da Encarnação, de modo que como defende Agathe Brosset, a Igreja seja um espaço de encontro através das relações humanas.¹⁰⁴ Tudo isto potencia a paróquia a realizar e a concretizar o desígnio salvífico do Pai “*para que todos tenham vida e a tenham em abundância*” (Jo 10, 10).

Uma formação dos responsáveis e dos animadores da comunidade paroquial (Cf CfL 63) terá por base uma formação humana onde não poderá faltar: o desenvolvimento das potencialidades de cada pessoa ao nível emocional, afetivo, intelectual, espiritual e profissional; a capacidade de poder agir com discernimento sobre os problemas dos outros, descobrindo em cada um os valores que ajudarão na realização de iniciativas e de ações; saber pôr em prática todos estes conhecimentos, sendo assim uma testemunha vida da mensagem cristã e da alegria do Evangelho.

Pela fé, esperança e caridade cada agente pastoral tem de ver a lei do amor como aquela que é a melhor forma de concretizar o seguimento de Jesus, dando testemunho da sua fé e identificando-se como verdadeiro cristão, agindo em tudo como o Mestre, sobretudo na forma como Ele foi ao encontro dos outros. Tudo isto traz ao ser humano um novo sentido para a vida, como resultado do encontro com o próprio Jesus Cristo. A Igreja é por tudo isto destinatária, mandatária e parceira. Esta tripla postura eclesial ajudará, cada vez mais a Igreja

¹⁰⁴ Cf A. BROSSET, *Une èglise de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, 26.

a chegar às pessoas nos locais em que elas se encontram, tendo em conta o acolhimento, a escuta, o diálogo, o encontro e o serviço, posicionando assim o anúncio da fé no cume da pastoral comunitária, paroquial, diocesana e universal (Cf DGC 46-49).

A experiência humana do encontro com todos os que sofrem terá de preceder a recepção da Palavra de Deus e do Pão da Vida. Apenas deste modo o Senhor Jesus será entendido como o Bom Pastor que reúne a comunidade eclesial, e nela e por ela poderá realizar a sua ação salvadora.

Ao inserir-se plenamente na vida da paróquia, cada crente irá entender de forma mais profunda, através dos sacramentos, da presença junto do próximo, na visita àqueles que sofrem e sobretudo na Eucaristia, a verdade de Cristo que vive no coração de todos e de cada um. Assim, a vivência em comunidade será sentida por cada pessoa como que um apelo a deixar o orgulho e o egoísmo que tantas vezes se vai criando dentro de cada um.

É urgente fazer o Evangelho e não apenas dizê-lo. Praticar o Evangelho na própria vida é deixar o mal para abrir caminho ao amor. A meta do encontro e da nova evangelização é o amor fraterno, comunitário, paroquial, diocesano, universal que terá, sempre, como fonte a paternidade de Deus-Pai e a fraternidade de Jesus Cristo, que pela sua Incarnação assumiu em Si a Humanidade para que ao Homem pudesse tratar como irmão.

A comunidade aparece assim como o lugar mais comum e mais visível onde a Igreja universal de Cristo se experimenta e concretiza, pelo menos na Europa. Ela incarna na cultura dos que a formam, no espaço onde elas vivem, de maneira solidária a fim de acompanhar cada um e de estar disponível para todos. Poder-se-ia dizer que a paróquia pode ser qualificada como a Igreja num lugar, para tudo e para todos (Cf CfL 26).

Toda a comunidade paroquial faz parte dos meios que a Igreja tem para atualizar e localizar esse convite de Cristo a todos. A comunidade existe para cumprir um anúncio da Palavra, uma responsabilidade de oração e de celebração, uma preocupação em praticar o que acredita e o que celebra. É no cumprimento desta missão que a paróquia concretiza

localmente a Igreja e concretiza todos aqueles e aquelas que fazem da paróquia a sua própria casa, uma casa de encontro entre si mesmos e o próprio Deus (Cf CfL 63-64).

Como diz o Papa Francisco:

“A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de a apresentar, de a tornar conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos de o implorar cada dia, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial. Colocados diante dele com o coração aberto, deixando que Ele nos olhe, reconhecemos aquele olhar de amor que descobriu Natanael no dia em que Jesus se fez presente e lhe disse: «Eu vi-te, quando estavas debaixo da figueira!» (Jo 1,48). Como é doce permanecer diante dum crucifixo ou de joelhos diante do Santíssimo Sacramento, e fazê-lo simplesmente para estar à frente dos seus olhos! Como nos faz bem deixar que Ele volte a tocar a nossa vida e nos envie para comunicar a sua vida nova! Sucede então que, em última análise, «o que nós vimos e ouvimos, isso anunciamos» (1Jo 1,3). A melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordamos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta. Por isso, é urgente recuperar um espírito contemplativo, que nos permita redescobrir, cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros.

Unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama. Em última instância, o que procuramos é a glória do Pai, vivemos e agimos «para que seja prestado louvor à glória da sua graça» (Ef 1,6). Se queremos entregarmos a sério e com perseverança, esta motivação deve superar toda e qualquer outra. O que nos move em definitivo, o mais profundo, o maior, a razão e o sentido último de tudo o resto é este: a glória do Pai que Jesus procurou durante toda a sua existência. Ele é o Filho eternamente feliz com todo o seu ser «no seio do Pai» (Jo 1,18). Se somos missionários, é antes de tudo porque Jesus nos disse:

«A glória do meu Pai [consiste] em que deis muito fruto» (Jo 15,8). Independentemente de que nos convenha, interesse, aproveite ou não, para além dos estreitos limites dos nossos desejos, da nossa compreensão e das nossas motivações, evangelizamos para a maior glória do Pai que nos ama.» (EG 264, 267).

Conclusão

Ao longo da exposição deste trabalho podemos constatar uma realidade, a do Concílio Vaticano II, que precisa de ser cada vez mais espelhada na realidade concreta das comunidades paroquias, isto é, no serviço de toda a Igreja. Ainda foi afirmado, o concílio é um acontecimento que se deve projetar no nosso tempo, tornando-se um itinerário para a nossa vida, não devendo nem podendo ficar arquivado nas memórias e guardado nas recordações da antiguidade. É importante e necessário continuar a fazer-lhe referência, uma vez que continua a ser um desafio para a Igreja e para o mundo. Em nada podemos ficar indiferentes à mensagem dirigida às pessoas de todos os tempos e de todos os lugares, quer na realidade, para que todos possam escutar e acolher a Boa Nova e reconstruir do Reino de Deus tudo isto numa séria realidade pastoral e num sério trabalho pastoral.

Sublinho de forma particular que a receção do concílio prevê uma grande atitude de humildade e de abertura à renovação da Igreja, uma disposição aberta à mudança dos corações, uma decisão forte para consentir todas as consequências que desta renovação possam advir.

Não podemos ficar indiferentes à realidade do Concílio Vaticano II que deu ao mundo a imagem de um Deus que se torna próximo de todos e de cada um de nós. A vinda de Jesus Cristo até junto da própria humanidade, a Encarnação do Filho de Deus, fazendo-se homem para mostrar aos homens a realidade do próprio Deus, Deus é Amor, e que assim nos revela a proximidade. É significativo o facto e, que pode se comprovado pelos textos dos quatro evangelistas, como Jesus vivia uma autêntica pastoral do encontro. Desde o seu nascimento, passando pela sua vida pública, se retirarmos os momentos em que Jesus Cristo se retirava a sós para orar, a sua partilha era sempre com as multidões, com os seus discípulos, com os seus apóstolos, com os chefes do povo. Mesmo suspenso no alto da Cruz, e nesse momento

redentor, atraiu a humanidade inteira, cumprindo sempre a vontade do Pai, mas levando a humanidade ao encontro com o próprio Deus.

Olhando a realidade deixada pelo próprio Senhor Jesus, transmitida pelas testemunhas que com Ele partilharam o encontro, e que levou ao grande discurso de Pedro em pleno dia de Pentecostes (Cf Act 2) e assim ao grande avanço dos Apóstolos repletos do Espírito Santo para levar a Boa Nova, que se faz pelo encontro, a todos os que se cruzavam nos seus caminhos.

A pastoral do encontro é uma necessidade urgente para se trabalhar na atualidade, no aqui e no agora, interpretando os sinais dos tempos, sem medo de ir ao encontro de todos para anunciar com alegria o Evangelho de uma forma renovada, semeando a Palavra do Encontro no coração de todos sem aceção de ninguém (cf. EG 21-23).

Na perspetiva da pastoral do encontro temos o sentido da proximidade vivida em vários setores da atividade da Igreja e aqui foram sublinhados, e que não posso deixar de referir: a pastoral sacramental, e aqui uma força e uma dinâmica que deve imitar a força e a dinâmica do que o Livro dos Actos dos Apóstolos nos transmitem numa vivência única e singular das primeiras comunidades cristãs e que deve ser exemplo para a atividade da Igreja que se quer bela e próxima, o Batismo, a Confirmação pelo Espírito, a Eucaristia, o Sacramento da Reconciliação, a pastoral familiar, os ministros consagrados, a pastoral sócio-caritativa, a pastoral dos doentes. E neste último reforcei a atitude fundamental para levar Cristo aos que sofrem, aos que estão sós, aos que vivem longe da sociedade global e que na proximidade, no encontro, sentem Cristo como presença viva que vem para alentar o sofrimento, a dor.

É urgente, é necessário fazer caminho com todos, com toda a humanidade para que em conjunto a palavra do Evangelho, a presença de Jesus Cristo seja realidade vivida, sentida por todos com quem nos cruzamos na encruzilhada da vida.

Todo o cristão deve estar dotado de uma cuidada formação doutrinal e pastoral, mas também de uma sólida preparação nas ciências humanas que o ajudarão a auferir um conhecimento fundamentado do mundo que é chamado a evangelizar.

A eclesiologia de comunhão, ideia de Igreja do Concílio, pode e deve ser inspiradora de uma antropologia de comunhão, de que estamos tão carenciados. Basta pensar que Jesus Cristo, cabeça do corpo que é a Igreja, é não só o revelador de Deus, mas também o revelador do homem. Assim se contribuirá para a construção do Reino de Deus na sociedade e para a maturidade dos crentes no estado de comunidade eclesial.

A pastoral do encontro é de um dinamismo total, sem fronteiras nem barreiras. A pastoral do encontro é uma realidade para a atual da humanidade, digo ainda, para a atualização da Igreja. Uma igreja que não pode ficar fechada mas deve estar sempre aberta para a todos acolher e com todos anunciar Jesus Cristo, o Mestre do encontro.

O sentido do encontro ontem não é o mesmo de hoje, nem será o mesmo de amanhã. O meu contributo é apenas ajudar a perceber a forma como devemos procurar estar atentos à realidade que nos rodeia no sentido global para assim melhor fazer chegar a Palavra da Salvação ao coração de todos os homens e mulheres do nosso tempo.

Bibliografia

I – FONTES PRIMÁRIAS

DICCIONARIO de Pastoral y Evangelización; | dirección Vicente M^a Pedrosa, Jesús Sastre y Raúl Berzosa|. – Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2000.

DICIONÁRIO de Conceitos Fundamentais de Teologia / Peter Eicher; |tradução João Resende Costa|. – São Paulo: Paulus, 1993.

NUEVO DICCIONARIO de Pastoral; |dirección Casiano Floristán|. – Madrid: San Pablo, 2002.

BERZONA, Raúl - GALETTO, Gerardo, *Hablemos de Nueva Evangelización. Para que sea nueva e evangelizadora*, Desclée de Brouwer, Bilbao, 2012.

BOROBIO, Dionisio, *Sacramentos y etapas de la vida – Una visión antropológica de los sacramento*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2000.

BROSSET, Agathe, *Une èglise de la Rencontre. Compagnonnage et partenariat*, De L'Atelier, Paris, 2013.

FLORISTÀN, Casiano, *Teologia Practica. Teoria y Praxis de la Acción Pastoral*, Sígueme, Salamanca, 2002.

RAHNER, Karl, *Traité Fondamental de la Foi*, Centurion, Paris, 1983.

II – FONTES SECUNDÁRIAS

BIANCHI, Enzo, *Foi et confiance;* | traduit de l'italien Matthias Wirz|. – Paris: Les Éditions du Cerf, 2014.

CELAM, *Catequese para a América Latina, Documento de trabalho da CELAM para o Sínodo de 1977*, Secretariado Geral da CELAM, Bogotá, 1977.

- COUTO, António, *Introdução ao Evangelho segundo Mateus*, Paulus, Lisboa, 2014.
- COUTO, António, *Introdução ao Evangelho segundo Marcos*, Paulus, Lisboa, 2015.
- FISICHELLA, Rino, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*, Tradução Mário Santos, Paulus, Lisboa, 2012.
- FORTE, Bruno, *La Parola della Fede. Introduzione alla Simbolica ecclesiale*, San Paolo, Milano, 1996.
- FORTE, Bruno, *Introducción a los Sacramentos*, Paulinas, Madrid, 2007.
- FRANCISCUS, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de Novembro de 2013): in AAS 105 (2013).
- IOANNES PAULUS PP. II, *Discurso do Papa João Paulo II na abertura da XIX assembleia da CELAM*, Port-au-Prince, Haiti, in AAS, 75 (1983), 771-779.
- IOANNES PAULUS PP. II, Carta encíclica *Redemptoris Missio* (7 de Dezembro de 1990): in AAS 83 (1991).
- RAHNER, Karl, *Una interpretación teológica a fondo del Concílio Vaticano II*, in *Razón y Fe* 208 (1979) 184.
- RAHNER Karl, *La Iglesia y los sacramentos*, Barcelona, 1964.
- LIMA, José da Silva, « La Rencontre », in *People on the Move* 96 (2004) 57-69.
- MOREIRA, Luciano, *O Bispado de Lamego na I República – Os efeitos da Lei da Separação do Estado das Igrejas*, Edição de autor, Viseu, 2010.
- MONDIM, Batista, *O homem, quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica*, Paulinas, São Paulo, 1986.

PAULUS PP. VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de Dezembro de 1975): in *AAS* 58 (1976).

III – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Código de Direito Canónico; | tradução de José Marques |. – anotado, ed. Teológica, Braga 1997.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE, *Carta dos profissionais da saúde*, Paulinas, Lisboa, 1995.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, SNEC, Lisboa, 1997.

GÓMEZ DE SOUSA, Luís Alberto, *Do Vaticano II a um novo concílio? O olhar de um cristão leigo sobre a Igreja*, Colecção CERIS, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2004.

SANTO AGOSTINHO, *De Trinitate / Trindade*; | tradução Arnaldo do Espírito Santo, Domingos Lucas Dias, João Beato, Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel |. – Paulinas Editora, Prior Velho, 2007.

NETGRAFIA

http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html.

http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html.

http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros.

http://www.vozdaverdade.org/site/index.php?id=4489&cont_=ver2.

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/48/Portugal_location_map.svg, 24-03-2015, 22h00.

<http://files.casadopovodelazarim.webnode.com.pt/200003908af095b0fca/MapaFreguesias.jpg>, 24-03-2015, 22h00.

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papafrancesco_20141203_giornata-malato.html, 15-05-2015, 9h00.

<http://hjj.com.ar/sumat/d/c1.html>, 20-05-2015, 11h03.

Índice

Introdução	1
1. Recepção do Concílio Vaticano II na releitura do mistério eclesial	5
1.1 Conceito de Ação Pastoral	7
1.2 Conceito de Evangelização	9
1.3 Conceito de Encontro	15
2. A Pastoral como Encontro na obra de Agathe Brosset	29
2.1 Uma Igreja de Encontro sócio-eclesial	31
2.2 Parceirismo: escolha missionária da Igreja	34
2.3 Caminhar em Igreja	38
2.4 As equipas de assistência religiosa como Encontro na identidade eclesial	41
2.5 Igreja ao serviço do Encontro e do sentido da vida	45
3. Análise das dimensões do Encontro na realidade pastoral da paróquia de Santíssimo Salvador de Penajóia	49
3.1 Descrição do contexto paroquial	49
3.2 A Paróquia: espaço de Encontro	50
3.2.1 “Mestre onde moras? Vinde e vede” Grupos Paroquiais e Movimentos	53
3.2.1.1 Irmandades	55
3.2.2 Serviços Pastorais: Catequese e Evangelização	57
3.2.2.1 Liturgia, Oração e Serviços de Caridade	59
3.2.2.2 Agentes de Pastoral. Estruturas de participação e decisão	62
3.2.2.3 Meios de Comunicação Social	64
3.3 Relação paróquia-diocese	66
3.4 Um olhar futuro	69
Conclusão	73
Bibliografia	77
Índice	81